



palavra

Almandrade
Bruna Nasser Dornelles
Carina Paccola
Carla Câmara
Carlos Luz
Chung-Chin Huang
Cris Kusbick
Eduardo Cheida
Emerson Dias
Fábio Campana
José Afonso de Oliveira
Juvêncio Mazzarollo
Karoso Zuetta
Mara Cecília Lobregat
Raul Quadros
Richard de Souza
Silvio Campana
Wermerson Augusto
Wilma Nunes Rangel

olhos

Alysson Fernando Corneta
Áurea Cunha
Débora Brito
Ely Felber
Estela Valiati
Fernando Benega
Harry Schinke
Lalan
Lúcia Misael
Miguel Hachen
Yuma Martellanz

escrita 4

guatá - cultura em movimento

Vote nessa maravilha.
A mãe natureza agradece em nome
de sua filha mais admirada.

Maravilha Natural da Terra



Depois da eleição das Novas 7 Maravilhas do Mundo, a Fundação New 7 Wonders idealizou o concurso para as Novas 7 Maravilhas da Natureza. Agora você tem a chance de eleger as Cataratas do Iguaçu, com toda sua beleza e seu impacto positivo no meio ambiente e na economia da região. É uma maravilha esculpida há 120 milhões de anos, com 275 saltos e 2.700 metros de extensão, sem contar com sua grande biodiversidade. Prestígie com seu voto um dos maiores monumentos naturais da terra.

ACESSE E VOTE:

WWW.VOTENASCATARATAS.COM



O Guardião dos Livros

Jorge Luís Borges

Ai estão os jardins, os templos
e a justificação dos templos,
A exata música e as exatas palavras,
Os sessenta e quatro hexagramas,
Os ritos que são a única sabedoria
Que outorga o Firmamento aos homens,
O decoro daquele imperador
Cuja serenidade foi refletida pelo mundo, seu espelho,
De sorte que os campos davam seus frutos
E as torrentes respeitavam suas margens,
O unicórnio ferido que regressa para marcar o fim,
As secretas leis eternas,
O concerto do orbe;
Essas coisas ou sua memória estão nos livros
Que custodio na torre.

Os tártaros vieram do Norte
em crinados potros pequenos;
Aniquilaram os exércitos
Que o Filho do Céu mandou para castigar sua impiedade,
Ergueram pirâmides de fogo e cortaram gargantas,
Mataram o perverso e o justo,
Mataram o escravo acorrentado que vigia a porta,
Usaram e esqueceram as mulheres
E seguiram para o Sul,
Inocentes como animais de presa,
Cruéis como facas.

Na aurora dúbia
O pai de meu pai salvou os livros.
Aqui estão na torre onde jazo,
Recordando os dias que foram de outros,
Os alheios e antigos.

Em meus olhos não há dias. As prateleiras
Estão muito altas e não as alcançam meus anos.
Léguas de pó e sonho cercam a torre.
Por que enganar-me?
A verdade é que nunca soube ler,
Mas me consolo pensando
Que o imaginado e o passado já são o mesmo
Para um homem que foi
E que contempla o que foi a cidade
E agora volta a se, o deserto.
Que me impede sonhar que alguma vez
Decifrei a sabedoria
E desenhei com aplicada mão os símbolos?
Meu nome é Hsiang. Sou o que custodia os livros,
Que talvez sejam os últimos,
Porque nada sabemos do Império
E do Filho do Céu.
Aí estão nas altas estantes,
A um tempo próximos e distantes;
Secretos e visíveis como os astros.
Aí estão os jardins, os templos.

Jorge Luís Borges in Elogio da Sombra
Tradução Carlos Nejar e Alfredo Jacques

H₂FOZ

O Portal das Cataratas



Muito mais conteúdo na Terra das Cataratas

- * Notícias * Agenda Cultural * História de Foz * Entrevistas
- * Fotos * Opiniões * Vídeos * Atrativos turísticos
- * Guia de compras * Serviços * Eventos

www.h2foz.com.br

O portal de turismo e notícias da tríplice fronteira.

Travessa dos Editores

www.travessadoseditores.com.br

O acesso a grandes
publicações



Fone (41) **3338-9994**

Rua Desembargador Hugo Simas, nº 1570
CEP 80520-250 - Curitiba - Paraná

imagine

cultural



- Restabelecer e valorizar a identidade histórico-cultural da comunidade da Colônia Faria;
- Integrar a comunidade aos valores e meios contemporâneos, através da arte e de ações educacionais e culturais;
- Criar oportunidades em favor da auto-suficiência e da melhoria da qualidade de vida;
- Descentralizar a cultura;
- Colaborar na defesa e preservação do meio ambiente.

www.imagine.org.br

Tel: (41) **3562 9018** - Cel: **9946 3733**

Rua Presidente Faria, 4184 - Colônia Faria Colombo - Paraná
imagine@imagine.org.br


indústria gráfica
(45) 3523-7176

- Cartazes
- Pastas
- Jornais
- Revistas
- Folders
- Flyers
- Panfletos
- Calendários

Existem gráficas e gráficas, mas só uma é **ideal**.

Av. General Meira, 1180 - Foz do Iguaçu - PR
graficaideal@compubras.com.br

escrita 4

- 03 - Tirando de Letra - Jorge Luiz Borges
- 06 - O paraíso perdido
- 07 - OLHOS - Harry Schinke
- 08 - Várias formas de amar
- 09 - OLHOS - Corneta
- 10 - Acuarela
- 12 - Poesia - Cris Kusbick
- 13 - OLHOS - Fernando Benega
- 14 - O grito do lobisomem
- 16 - Ensaio - As artes plásticas e Maio 68
- 18 - E' guata - Templo budista
- 20 - Socos e Pontapés
- 21 - Poesia - Chi Chu Huang
- 22 - Viver com menos
- 23 - OLHOS - Ely Felder
- 24 - E' guata - Refúgio Bela Vista
- 26 - O fotógrafo da fronteira
- 28 - Os dias de domingo
- 29 - OLHOS - Lucia Misael
- 30 - Yriapú en "la tierra sin males"
- 31 - OLHOS - Miguel Hachen
- 32 - Procura-se um grande amor
- 33 - OLHOS - Débora Brito
- 34 - Poesia - Raul Quadros
- 36 - OLHOS - Lalan
- 37 - O ato final - Richard de Souza
- 38 - OLHOS - Áurea Cunha
- 39 - Novo dicionário das sensações
- 40 - OLHOS - Estela Valiati
- 41 - Olhos grandes, corpos minúsculos
- 44 - OLHOS - Yuma Martellanz
- 46 - Um Toque - José Afonso de Oliveira



Na capa desta edição, crianças de uma tribo "Toba", fotografadas nos arredores de Buenos Aires, Argentina.

A autora, Yuma Martellanz, é italiana, embarcada em um veleiro que viaja pelo mundo. Yuma manteve contato com a revista Escrita na sua visita às Cataratas do Iguaçu, em janeiro deste ano e desde aí, tornou-se nossa colaboradora.

Contar da aventura que é preparar uma edição como esta da revista Escrita, proporcionaria muitas léguas de boas conversas e de sensações prazerosas.

No entanto, creio que a palavra **vizinhar** melhor representa um processo que toma conta da gente. Vizinhar pra mim, é esse mistério das aproximações. Individualidades que se acercam e que no fim, páginas impressas, transformam-se em tripulação de uma nave-mãe na jornada coletiva atrás de outra existência, aquela que é de cada leitor.

Ao final disso tudo, mudamos todos um pouco. Nossas palavras e imagens, colhidas em lugares e momentos tão distantes entre si, tocam o ombro e fazem conhecidos, oxalá, novos amigos. Compartilhe.



Silvio Campana

Escrita é uma publicação da Associação Guatá - Cultura em Movimento, entidade de finalidade artístico cultural, sediada em Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil.

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da entidade.

Conselho Editorial: Carlos Luz, Maria Benedita, Paulo Bogler, Richard de Souza e Silvio Campana

Editor: Silvio Campana - Mtb - 20572 - 3023/11/131

Revisão e traduções: Beht Vilasboas, Carmen Luzia A. dos Santos e Mônica Venson

Foto da capa: Yuma Martellanz Projeto Gráfico: Silvio Campana

Colaboram nesta edição: Almandrade, Alysson Corneta, Áurea Cunha, Bruna Nasser Dornelles, Carina Paccola, Carlos Luz, Chung-Chin Huang, Cris Kusbick, Débora Brito, Eduardo Cheida, Ely Felber, Emerson Dias, Estela Valiati, Fábio Campana, Fernando Benega, Harry Schinke (in memorian), José Afonso de Oliveira, Juvêncio Mazzarollo, Karoso Zuetta, Lalan, Lucia Misael, Mara Cecília Lobregat, Márcio Cichorski, Miguel Hachen, Raul Quadros (in memorian), Richard de Souza, Teredi Signori, Wermerson Augusto, Wilma Nunes Rangel e Yuma Martellanz.

Tiragem desta edição: 2.500 exemplares

Guatá
cultura em movimento

O Paraíso Perdido

Última razão do tempo,
imponderável, fugaz,
queimando em seu próprio fogo
de minério extravasado.

A face refletida no inverso
espelho. Máscara. Rugas,
olheiras, pálpebras inchadas.
Labirintos da memória.
Algumas idéias rotas
e os sapatos entumecidos.

Sonho recorrente.
Profundo precipício
queda

livre

céu sem estrelas, sem lua,
oco escuro impenetrável.
Abaixo, a luz das chamas,
árvores sobre árvores
carbonizadas.

É de outro tempo
a fome dos Deuses,
o vinho da consagração,
os prazeres precoces
perdidos entre os códices
não encontrados jamais
no convento de Benediktenbeurer.
Agora, Vênus de sal.
O perfume intocável
das azaléas e da juventude.
Baixo ventre dolorido.
Arde o fogo no lençol
sem marcas.
Agônico gesto tateando
o infinito.
Desnudando ausências
carne lasciva, pele sedosa,
seios imaginados.

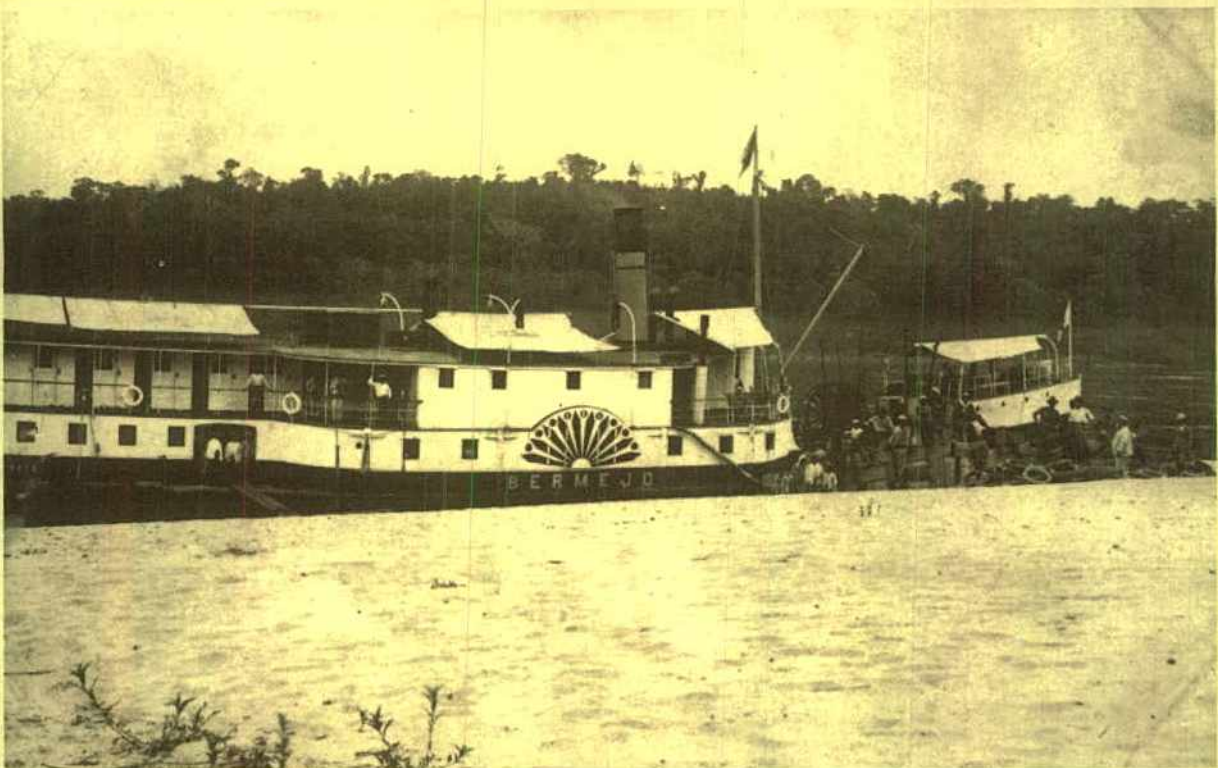
Que mais ficou
além de secretas leis,
além dos ritos
de condenação?
Paixões petrificadas,
precipitadas anotações,
livros, fungos, ossos polidos,
gravatas de pura seda,
o limo viscoso na alma,
a difícil digestão
das alegrias circunstanciais.
Nas gavetas, restos
de sol e pânico.

Tempo de salitre e cal.
A utopia submersa em claro rio.
O olhar avesso, flutuante,
de um cavalo esperando o tiro.
Cão enfurecido pelo medo.
A morte tem sabor de azinhavre.
Nada mais por fazer.
Nada mais.
O paraíso está em chamas.

Fábio Campana



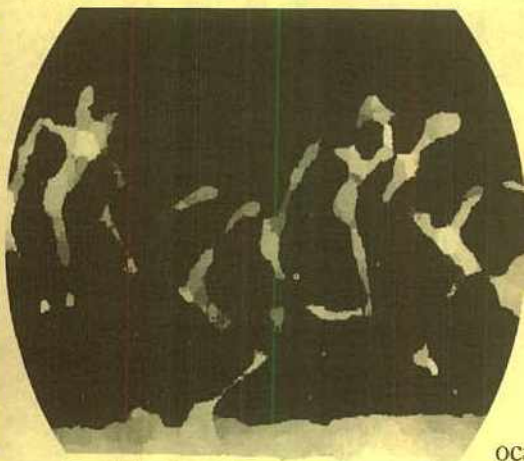
Fábio Campana é jornalista e editora em Curitiba, Paraná.



"Bermejo", vapor argentino que navegava o rio Paraná, transportando passageiros na primeira metade do século XX.
Foto de **Harry Schinke**



Muitas razões para amar



Você sabe que lixo deve ir para a lixeira. E todas as vezes que possível, deve ser separado, mandando-se o que é orgânico para uma composteira, e o que não é orgânico para reciclar. Muitas vezes, porém, nas ruas de nossas cidades não se encontram lixeiras. Outras vezes, mesmo existindo, há quem as ignore, atirando o lixo fora delas.

Mas, em raras e compreensíveis ocasiões pode haver quem necessite jogar o lixo no chão. No chão? Sim, e por uma questão de sobrevivência. Da espécie. Digamos, um chamado da natureza, daqueles que é impensável resistir.

Foi o que aconteceu: Tinha especial pendor por uma farda. Se o fardado, então, tivesse bigode, o coração de Celestina batia redobrado. Coturnos? Seu coração tamborilava, destravando a maçaneta da caixa do peito.

Encalhada nos jardins de suas passadas e repassadas primaveras, ultimamente não fazia mais questão de tantos adereços militares, naquela de melhor-seria-assim-mas-se-assado-fosse-também-estaria-bom.

Genarinho Benevides, no primeiro dia de ofício, mal chegado aos portões do familiar residencial Treme-Treme, foi logo arriado nos trajes de ascensorista. Moço forte e descasado, cabelos pretos e rosto pintado no azul da barba cerrada. De lambuja, ainda sobrava um bocão vermelho, tendo por chapéu do lábio de cima um vasto bigode.

Naquele entra e sobe, desce e sai sem fim, as horas não aborreceram sua autoridade no comando do elevador. Chegada a hora de almoço, bem depois da hora de almoço de todos, Genarinho escapuliu para o balcão da mercearia.

Celestina, à distância, com uma penca de bananas embrulhada em jornal, ajeitou os óculos. Mal acreditava no que acreditava ver: em sua

direção, e a largos passos, aproximava-se um desenvolto jovem, fardado em azul, sapatos pretos e quepe marrom. Seu coração tamborilou. Com a rapidez de um raio imaginou o ardil.

Descascou três das bananas e, enquanto o jovem aproximava-se, atirou as cascas próximo a uma lixeira que jazia na calçada.

No chão. Fora do lixo. Um delito!

- Estou (agora ou nunca) em apuros, desejou.

Em duas passadas o jovem chegou e, em três, pulou por sobre as cascas de banana de Celestina, desviando-se delas com destreza.

De mãos nas cinturas, e olhos apertados sob as grossas lentes, ela gritou:

- Guarda, não vai me prender?

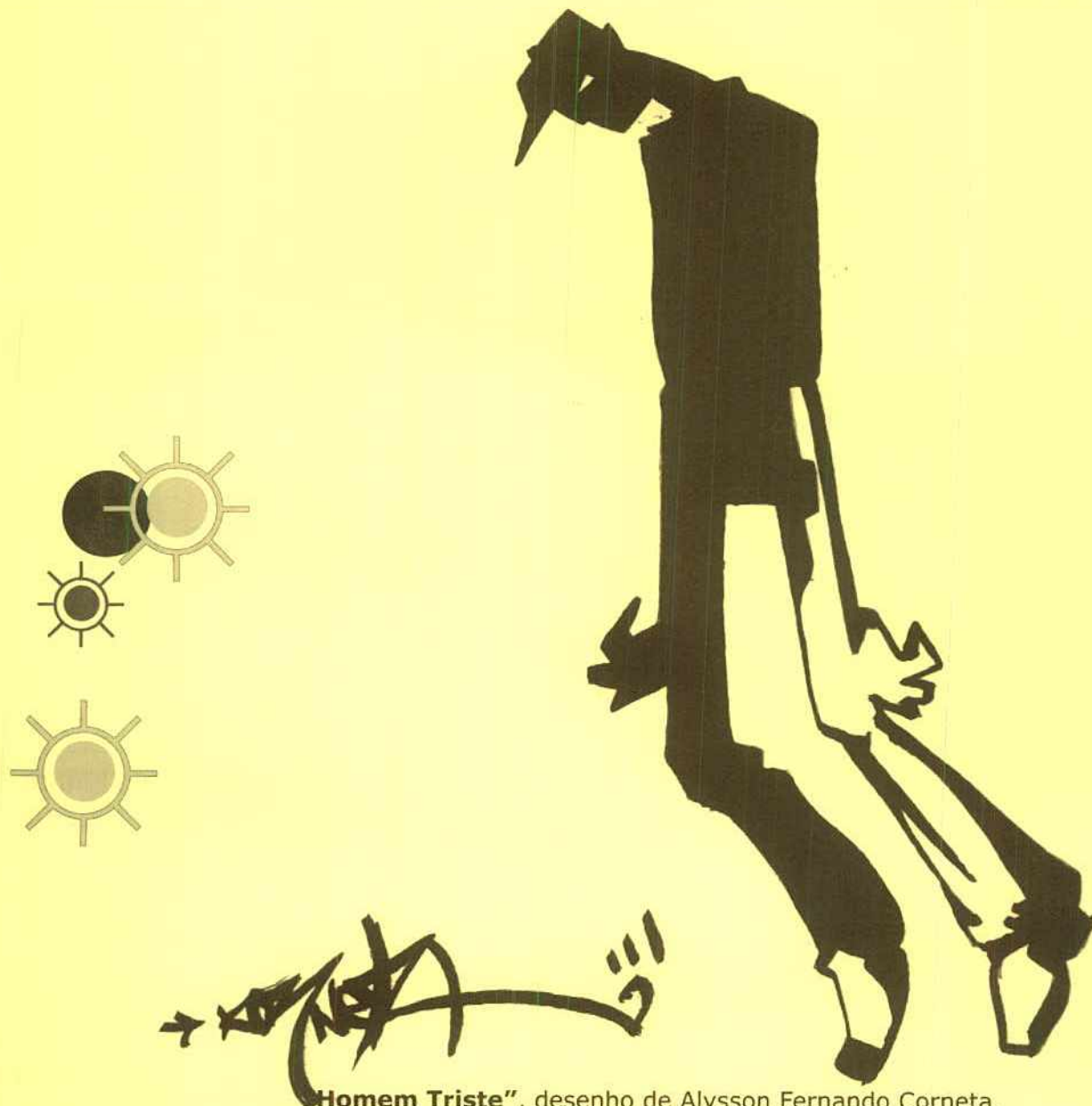
- Moça, eu sou ascensorista!

E ela, para não dar o braço a torcer para o destino:

- Serve. E desviando-se das cascas de banana que a vida joga no caminho, os dois foram felizes para sempre. ☀

Luiz Eduardo Cheida

é médico e deputado estadual em Londrina, Paraná.



"Homem Triste", desenho de Alysson Fernando Korneta.
Korneta é ilustrador e grafiteiro em Londrina, Paraná.

acuarela

carlos luz

el viento jugando
con la samambaia
prenuncia
la gota de lluvia
espantando
el sol recostado
en la hoja seca
desperezada
en la yerba...

la operaria
al alcance del polen
que endulzara
la vida
de su reina
en las margaritas-del-campo
hace aflorar
el recuerdo
de la desigualdad...

la translucidez
de la imagen
refletida
de la musa
a bañarse
en la frescura
del arroyo
en la media-tarde
intriga
la libélula:
¿sera que
ella vola?...

solamente
en la imaginación
de quien contempla
esa acuarela
de colores cálidas
colgada
en el triste
invierno
de la sala
desolada
de la memoria...

*Poema publicado na Revista Poética Azahar, editada em Conil de la Frontera, Cádiz, Espanha.
Tradução para o espanhol: Isel Judit Talavera. Carlos Luz é poeta em Foz do Iguaçu, Paraná.*

VAREJO PAULISTA

CALÇADOS

Artigos esportivos e Confeções

Venda no atacado e varejo

Av. Beira Rio, 806 - Vila Portes - Foz do Iguaçu - Paraná
Fone/fax: (45) 3528 6162 - E-mail: merco@fnn.net



Toner & Cia.

CARTUCHOS

Cartuchos
de tintas e de tonner,
novos
e remanufaturados.
Venha conferir!

**15% de descontos em compras
no balcão da loja.**

Consulte nossos preços pelo e-mail: tonerecia@yahoo.com.br
ou pelo msn: gloria_toner@hotmail.com

Materiais de expediente para Escritório e Informática

Rua Mal. Floriano Peixoto, 1320, sala 3 - Foz do Iguaçu - Pr. - Fone: (45) **3025 4840**

LIVRARIA SEBO AMADEUS

VENDA E TROCA - LIVROS - GIBIS - LP'S

Faça seu pedido
e nós localizaremos o
livro que você precisa.

SEMINOVOS E USADOS

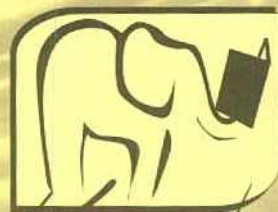
- UNIVERSITÁRIOS
- LITERATURA
- FILOSOFIA
- CIÊNCIAS SOCIAIS



TEL.: 45 **3574 4988**
CEL.: 45 **9103 7608**

livrariaseboamadeus@hotmail.com

Rua Quintino Bocaiúva, 845 - Centro - Foz do Iguaçu - PR



Kunda
Livraria Universitária

**Há 20 anos semeando
cultura.**



- ♦ 50.000 títulos disponíveis
- ♦ Livros raros e importados
- ♦ Livros didáticos e universitários
- ♦ Aceitamos encomendas
- ♦ Condições para estudantes e universitários na entrada escolar
- ♦ Condições para professores

Centro

Rua Almirante Barroso, 1473
85851-010 - Foz do Iguaçu - PR
Fone/Fax (45) **3523-4606**
livros@livrariakunda.com.br

Tu e meus cabelos

Diga-me a cor de cabelo
que gostas e mesmo assim,
hei de não mudar a cor dos
meus.
Castanho-escuro e liso
Extremamente natural
E vives mexendo neles
Vives me acariciando
E eu, sempre te interrompo,
me esquivando
É que querendo não acreditar,
insisto em duvidar
E, me afastando, sinto ao longe
vontade de me aproximar
E chegando perto eu duvido
que queiras me amar
E me afasto novamente
Pra em imaginação me afogar
E mergulhando nas lembranças
teimo em chorar
E chorando nas memórias
Juro te esquecer
E no meu esquecimento
Lembro do teu olhar
E te olhando eu esqueço
Daquilo que prometi
E te beijando - eu mereço! -
comprovo que'u nunca t'esqueci
Tuas mãos nos meu cabelos...
Meus lábios a te beijar...
Tua boca nos meus seios...
Loucura é te amar

Ando

Ando
Meio avoada
"Meio desligada"
No Mundo
tão conectada
Em ti
Lendo
Coisas bonitas
Frases de amor
Prosas e poesias
Mergulhando
em boemia
Me afogando
em suor
Pirando
Em pensamentos
Pensando sentimentos
Sonhando meus apelos
Enroscando meus cabelos
na tua boca
no teu aparelho
E agora, acordando -
olho no espelho
o barulho dos teus passos
e passo adiante
meu coração palpitante

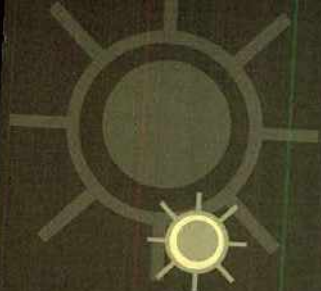
Novo tom

A new smell
Um outro céu
A new smile
Um outro style
New flavor, taste and things
New kisses, hopes and
springs
New for me
Nu em mim
Nova flor em meu jardim
The flame and the fire
We burn in desire
I love when he says:
(Freedom) you decide!
Onde você vai me levar?
Do you wanna go to the
stars?
Yes, I do. Eu dou. Ô, dó!
Vou levar você pr'a lá!

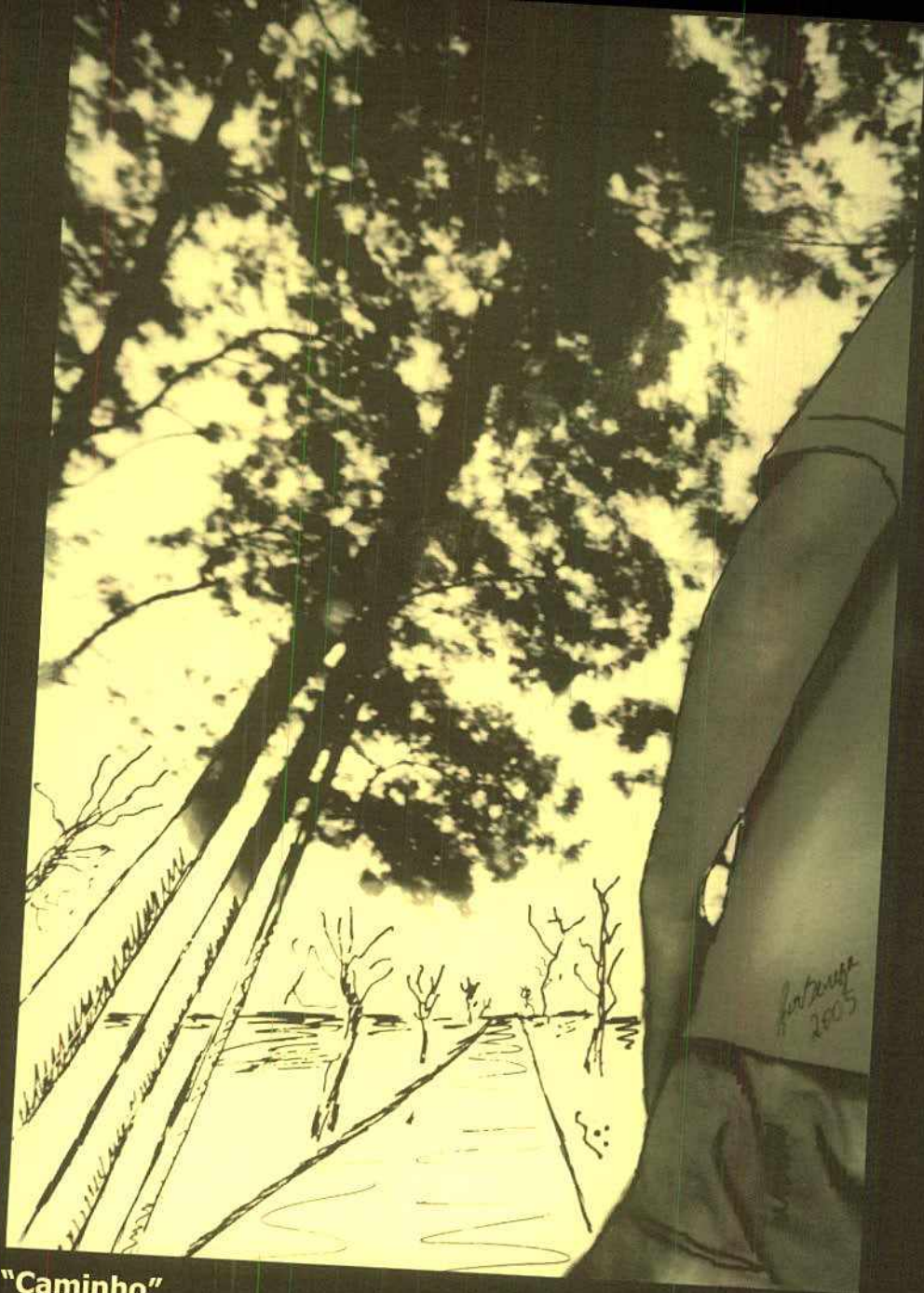
eris
kusbick



Cris Kusbick é servidora pública
e estudante em Foz do Iguaçu.



olhos



"Caminho"

Fotografia de **Fernando Benega**,
fotógrafo e publicitário em Foz do Iguaçu.

N a cidade encantada o bicho da cara preta voltou a assombrar e desfilar pelas vias públicas e áreas rurais. Conforme

As definições e formas para referir-se a assombrosa espécie multiplicavam dia-a-dia. Semelhante a velocidade das notas era a movimentação dos promotores do espetáculo na a t r a t i v a

O GRIFFO DO LOBISOMEM

o arquivo coletivo, a primeira aparição do lobisomem na província completou vinte anos. Foi em um banheiro feminino, na invenção de praia popular da localidade. Desdentado, descabelado, bruto, sujo, mal cheiroso, seboso e maldoso. Foram esses os sentidos dados pelos transeuntes desde a primeira vez que viram a apavorante criatura do pé virado e dos chifres cascudo.

paragem. Os humildes cidadãos que não tiveram a oportunidade ou desprazer de ficar cara a cara com o bicho tinham a sensação que o mundo estava tomado por seres esquisitos. As falácias davam a todo o momento informações de novas aparições e estereótipo do bicho.

A guarnição policial foi acionada a prestar esclarecimentos. Nos boletins de ocorrência, mortes misteriosas de galinhas e galos em dois terreiros da

cidade. Os finados não aparentavam marcas de maus tratos.

Ao lado de uma das ocorrências, um senhor que estava sentado em cima de uma lata de tinta enferrujada tentava explicar o fato. Inicialmente os homens fardados deram atenção ao depoimento

do senhor de bigode falhado e dos cabelos grisalhos, que repetia o refrão: “É a crise.

Antigamente, todo dia nessa esquina tinha galinha preta e mé pra gente tomá. Agora o capeta tem que vim busca ué”.

O bafo do álcool, o forte cheiro do tabaco e a fala tremida colocaram a experiência do ancião em segundo plano. Mesmo desacreditado e ignorado, o senhor conhecido na vizinhança continuava a olhar fundo e pensativo o cenário que se desenhava no vilarejo. Um casal vizinho do idoso - colecionador de copos de aguardente -, amedrontado com os episódios, literalmente foi vencido pelo medo. Tenebrosos com uma possível visita da criatura prepararam antecipadamente as malas e caíram no mundo.

Deixaram para trás a criação e o casebre

com as portas abertas. Na vigilância do lar, ficou meia dúzia de pardais, fuçando entre as frestas do assoalho as migalhas do almoço. Nas paredes, retratos e painéis ficaram de registro de um dos moradores mais antigos do povoado distante.

O fim do mundo estava chegando para os moradores da comunidade. O povoado de poucas famílias passou a ser atração para dezenas de pessoas. Principalmente depois do retrato falado do bicho no diário e na telinha.

Os curiosos destroçavam milharais e mandiocaes. As hortas pisoteadas não davam mais nada. As cercas cortadas não empunhavam mais restrições aos animais do pasto. O excesso era motivado pela ansiedade e curiosidade das pessoas, que gerava mais descontrolado, confusão e medo.

Atrás dos caça fantasmas, uma única equipe de televisão da província. Do rastro das pessoas, a equipe simulava a presença das criaturas naquele devido local. De punho de câmeras e anotações os investigadores traçavam novas possibilidades.

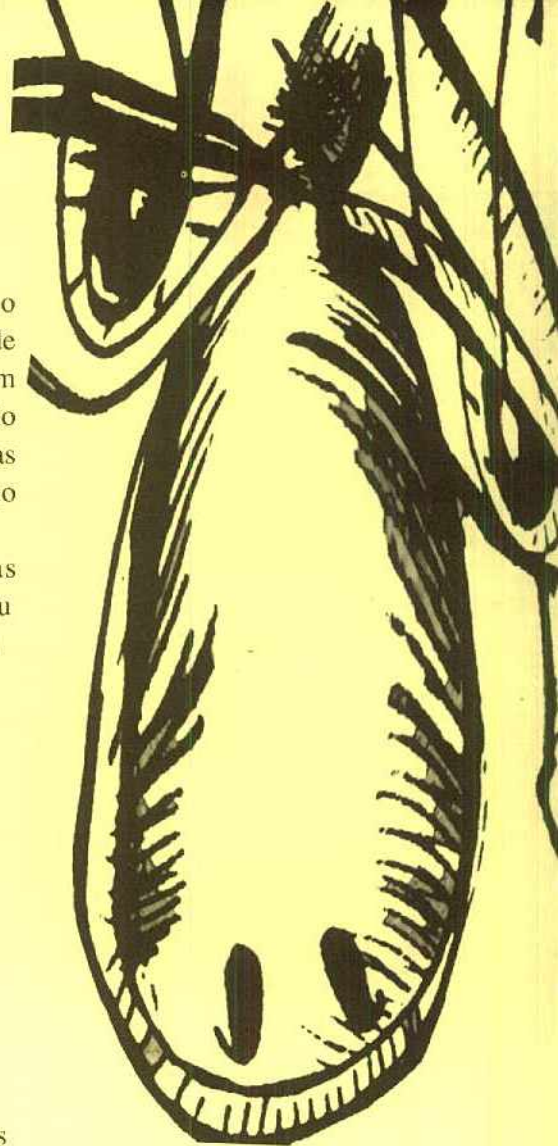
Na narrativa televisionada com fundo

tenebroso, a sensação era de que o lobisomem iria ser capturado dentro de poucas horas. Enquadrado como um ladrão de bujão de gás, a produção insistia em trazer a todo instante, novas revelações do paradeiro e estrago causado pelo animalesco.

Certamente chateado com as retratações fraudulentas feitas ao seu mensageiro legal, o capeta prometeu nunca mais enviar seu representante. Segundo consta, o lobisomem abriu o jogo quando foi prestar contas lá no trono com o velhote maldoso, e disse que não tem nenhuma relação com os crimes que ocorrem na província.

Para tristeza do pessoal da bilheteria e das estatísticas, o lobisomem não grita mais nas noites de lua minguante, cheia, nova ou crescente. Fontes infernais disseram com segurança: "De lá não vem mais ninguém".

Enquanto isso, as estatísticas desfavoráveis e a ineficiência dos serviços oferecidos aos vilarejos da província assustam os responsáveis que buscam a todo custo montar um novo picadeiro. ☀



Wermerson Augusto
é jornalista em Foz do Iguaçu.
Participa do projeto Megafone,
de comunicação cidadã.

As artes plásticas na década de 1960 e maio de 68

ENSAIO

De Almandrade

"Nas sociedades dominadas pelas modernas condições de produção, a vida é apresentada como uma imensa acumulação de espetáculos, tudo o que era diretamente vivido vira uma mera representação." (Guy Debord)

Maio de 1968 foi a explosão do espetáculo e o encerramento de uma década turbulenta, de muitas mudanças, da tomada de consciência dos desastres do século XX: a violência, a guerra, os campos de concentração, a bomba atômica. O progresso tecnológico sem levar em consideração os direitos humanos, enfim o desenvolvimento à serviço da destruição. O imperialismo e a ditadura da sociedade de consumo. Jean Luc Godard, em 1967 realiza *A Chinesa*, um filme político sem desprezar a experiência estética, onde um grupo de estudantes parisienses revoltados com o imperialismo brinca de fazer a revolução. Uma antecipação da organização dos estudantes, com muitas dúvidas e incertezas, em maio do ano seguinte.

A década de 1960 é marcada pela velocidade das vanguardas artísticas, que tem Nova York como capital cultural do século XX. Dentre as manifestações artísticas como Minimalismo, Op Arte, Arte Cinética, Novo Realismo e Tropicália,

a Pop Arte surgida na Inglaterra, mas apropriada e difundida pelos norte americanos foi a vanguarda mais decisiva da década. Sem programa preestabelecido, sem manifesto, utilizando-se do repertório do cotidiano do consumo e da cultura de massa, foi rapidamente transformada em tendência internacional. Isso mostrou o poder cultural dos americanos.

O desafio aos polícias e os protestos dos estudantes nas ruas de Paris foi um marco que desencadeou movimentos de contestação, em vários Países, revoltas e guerrilhas urbanas. Estudantes, artistas e intelectuais ocupam as ruas, fazem passeatas. A contra cultura, a revolução cultural. Os artistas plásticos abandonam os museus, as galerias, saem da solidão dos ateliês e se misturam na multidão. É a poética do gesto, da ação, da coletividade, a utopia da arte / vida como participação do espectador na realização da obra de arte. No Brasil a Tropicália de Hélio Oiticica, foi uma das manifestações mais

polêmicas, ao lado de *Terra em Transe* filme experimental barroco de Glauber Rocha e a peça *O Rei da Vela* de Oswald de Andrade, dirigida por José Celso Martinez.

É a década dos Happenings, surgidos com a Pop arte, uma espécie de teatro instantâneo, uma mistura de artes visuais, música e dança, que convida o espectador a participar da obra ou da ação, uma forma de tirar-lo da passividade fazendo-o reagir à provocação do artista e do cotidiano político social. Para Jean Jacques Lebel, autor de vários happenings em Paris: "Nosso primeiro objetivo é transformar em poesia a linguagem que a sociedade de exploração reduziu ao comércio e ao absurdo." Artistas rebeldes, engajados, inconformados com a comercialização e exploração da arte e contra as outras formas de opressão da sociedade. No Brasil, os Happenings realizados em espaços públicos das trocas coletivas, foram uma forma utilizada pelos artistas de vanguarda para chamar a atenção da

população do que estava acontecendo nas prisões. Manifestações muitas vezes interditas pela polícia.

Na arte, é o momento da transição da vanguarda para a contemporaneidade. O atestado de óbito da Modernidade. Os procedimentos da arte passam dos polêmicos questionamentos dos suportes tradicionais ao fim do suporte como elemento essencial da obra de arte. É o momento da arte conceitual que vai dominar na década seguinte. Uma arte mais fria, cerebral, menos engajada, voltada para interrogar sua própria natureza. Uma manifestação que aconteceu em vários Países, quase ao mesmo tempo, inclusive no Brasil.

Os agitados anos de 1960 transformaram a imagem das cidades. Em 68, aparecem as primeiras manifestações de grafítis nos muros de Paris, uma nova forma de intervenção urbana. Nas palavras do teórico francês Jean Baudrillard: "...um novo tipo de intervenção na cidade, não mais como lugar do poder econômico e político, mas sim como espaço / tempo do poder terrorista dos mídia, dos signos e da cultura dominante."

Grafítis anônimos paralelo aos happenings dos artistas. Uma geração de artistas e críticos toma consciência sobre o estado em que se encontra a civilização a sociedade e os regimes políticos e se colocam diante de uma abordagem mais

crítica e de certa forma subversiva. O artista assume o papel de revolucionário e faz de sua arte um instrumento à disposição da revolução social. Fazer arte era fazer política. Ação e estética faziam parte das intenções do artista.

Verifica-se no cenário internacional das artes plásticas, já no começo da década de 1960 o abandono das linguagens abstratas, geométrica e gestual, e retorno da figura, ou melhor uma apropriação da figura como fez a Pop Arte com as imagens divulgadas pelos mídia transformando-as em naturezas mortas da sociedade de consumo. No fenômeno da nova figuração o que interessa é o significado da imagem e não uma forma representativa. Uma imagem mais alusiva, grotesca e provocativa. A estética do mau gosto desafiando uma sociedade do bom gosto, industrial e politicamente "correta".

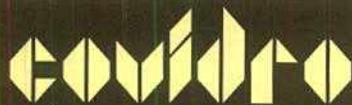
A obra do artista plástico carioca Rubens Gerchman, representa bem esse momento na arte brasileira. Muitas das propostas artísticas da vanguarda brasileira que se desenvolveram entre 1964 e 68 estavam comprometidas em dar respostas ao golpe militar. A nova linguagem figurativa dialogava de forma mais direta com a realidade político social. Em paralelo a uma arte de denúncias, bastante difundida pelos militantes políticos, surgiram outras manifestações de arte coletiva abertas à participação do espectador como as propostas

de Hélio Oiticica e os Domingos da Criação organizados por Frederico Moraes. Em 1968 no Salão de Brasília, o Porco Empalhado de Nelson Leirner, artista paulista integrante do Grupo Rex, não era apenas o questionamento da instituição arte, interrogava as outras instituições da sociedade, naquele contexto político.

A experiência francesa foi palco onde os ideais e as paixões acumuladas explodiram e deu início a uma revolução que mudou a história do século XX. A guerrilha se espalhou pela América Latina, reivindicações de todas as partes e de todos os tipos, liberdade sexual, racial. Nos EUA, os estudantes revoltados com a cruel possibilidade de morrer na guerra do Vietnã, protestaram. No Brasil estudantes em passeata enfrentam a repressão militar, em abril de 1968, a polícia mata o estudante secundarista Edson Luiz no Rio de Janeiro e em dezembro o golpe mortal do governo militar, o Ato Institucional Nº.5. O auge da repressão. Ninguém mais se sentia seguro. A arte foi proibida na rua, exposições fechadas, como a Bienal Nacional em Salvador e artistas presos ou vivendo na clandestinidade ou no exílio. Fecharam-se as cortinas e o espetáculo passou a ser encenado na obscuridade. ☀

Almandrade

*é artista plástico, poeta
e arquiteto em Salvador, Bahia.*



COMÉRCIO DE VIDROS E ACESSÓRIOS LTDA.

**Pára-brisas
de carros
e pick ups,
nacionais e
importados**

**Acessórios
para todos
os modelos
e marcas
nacionais**

- Fârois
- Lanternas
- Fechaduras e maçanetas
- Estribos
- Santo Antônios

Tel: (045) 3528 0070



www.covidro.com.br

Rua Santo Rafagnin, 1020, Vila Portes
Foz do Iguaçu - Fax: (45) 3528.0717
covidro@covidro.com.br

O que ver no templo

Localizado próximo ao Rio Paraná, o complexo administrado pela Ordem Budista Internacional (Orbi) reserva outras surpresas para os visitantes.

Ele contém uma grandiosa estátua em concreto de Mi La Pu-san, o famoso Buda sentado. Tem sete metros de altura, com sua superfície dourada, ofusca os olhos de quem o vê.

A cópia gigante é uma das peças existentes ao longo dos 42 hectares de extensão da área. O terreno tem um jardim com cerca de 120 estátuas. Destas, 108 são idênticas, com 2,5 metros, todas alinhadas em direção ao pôr-do-sol. De longe, elas parecem um exército, mas cada uma representaria uma reencarnação de Buda na terra.

observações

Onde fica?

Templo Budista
Rua Aluizio Ferreira de Souza, 99
Nova Califórnia - Foz do Iguaçu - PR

Como chegar

Acesso pela Av. Tancredo Neves.
Ônibus urbano que faz a linha
Centro - Porto Belo.

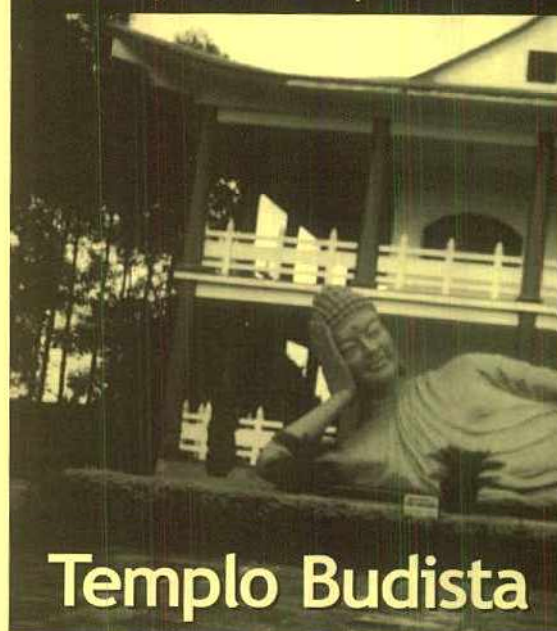


Horário de funcionamento:

De terça a Sábado,
das 10 às 17 horas.
Domingo, das 10 às 15 horas

Visitação gratuita

e'guatá
visitar, conhecer, vivenciar



Templo Budista

**Em Foz do Iguaçu, entre as
muitas possibilidades de lazer
e turismo, é possível reservar
um tempo para a
espiritualidade e contemplar
as belezas do Templo Budista.
O templo está em um dos**

VISITE O SITE WWW.VOTENASCATARATAS.COM E ELEJA AS CATARATAS

de Foz do Iguaçu

maiores centros de estudos e meditação do budismo na América Latina, construído a partir da união das comunidades chinesas na tríplice fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina.

Vale prestar atenção nos bodhisattvas (destinados a iluminar), estátuas maiores que estão apoiadas em réplicas de dragão e elefante. Os bodhisattvas são “encarregados” de proteger as reproduções dos budas. Além das fisionomias sérias, elas chamam atenção pelas cores fortes.

Márcio Antonio Cichorski



Outro destaque é o templo principal, com 2,5 mil metros quadrados e dois andares. Ele abriga a casa do mestre, sede oficial do líder religioso, além de outras cinco grandes esculturas colocadas sobre altares, representando ‘O Grande Voto’, ‘A Suprema Felicidade’,

“O Mestre da Medicina”, “A Grande Compaixão” e “Sakyamuni”, também conhecido como o mestre fundamental. O acesso a esse ambiente, entretanto, é restrito.

Mais informações sobre o Templo Budista: (45) 3524-5566

Textos extraídos do site www.h2foz.com.br



Restaurante Bar - Comida Baiana

Atendemos de segunda a sexta, a partir das 18 h.

Sábado, a partir das 12h e, no domingo, das 12h às 16h.

Quartas à noite e domingos ao meio-dia, rodízio de frutos do mar.
Mais de 30 pratos e sobremesa

Quintas à noite e sábados, ao meio-dia, buffet da culinária baiana e nordestina.
Mais de 20 pratos e sobremesa.

Servimos também a la carte
Entrega em domicílio pelo telefone:
(45) 3025 1144

Música ao vivo todos os dias.



Rua Marechal Deodoro, 1228 - Centro
Foz do Iguaçu - PR - Brasil

www.restaurantetemperodabahia.com

DO IGUAÇU COMO UMA DAS SETE MARAVILHAS NATURAIS DO MUNDO!

BRUNA NASSER DORNELLES

Não é nem o querer
nascer de novo,
é o simples
fato do apagar-se,
assim simples,
com borracha Faber Castel...
lembra daquela menina?
sim, a louca,
apagou, sumiu,
nem existe mais
toda raiva, grito rouco,
soco errado, chute certo,
antes de ir embora
ela transformou tudo em pó,
e deixou a calmaria,
vento fresco e livre no quarto
o quarto ali
parado
tudo igual a sua partida
apenas lembranças
de uma vida,
gente grande criança
tentativas de sair da lama
poucos momentos de alegria,
porém intensos
inúmeras mágoas e tristezas,
densas
Rígidas

SOCOS E PONTAPÉS

em formas perfeitas
todo o corpo tomado de argila
argila triste
cor cinzenta;
não houve despedida
ela pegou a música feita
partitura que ela mesma escreveu
ela sob a forma de semínima
semínima torta
fora da pauta
pegou a borracha
e apagou.
Não haverá desenho de volta.
Nem uma pausa para substituir.
A música é minha.
Quero ela incompleta,
em branco.
Deixo o silêncio
sem o sinal
à vocês,
malditos telespectadores,
quero ver o sangue
nas lágrimas,
e se sinto piedade?
nenhuma,
nem de mim,
nem de vocês.



Bruna Nasser Dornelles é estudante de Letras em Florianópolis, Santa Catarina.

我在世界一端看著雲
雲代表我的心情
雲在變化了
我也改變了

外

*Estou do outro lado do mundo olhando nuvens,
as nuvens representam meu sentimento
as nuvens estavam mudando de forma.
Eu mudara.*



Chung-Chin Huang é acadêmica de Jornalismo em Foz do Iguaçu, Paraná.
(Tradução da própria autora).

Viver com menos



Muitas pessoas consideram que essa história de aquecimento global e tudo o que se anuncia de catastrófico como consequência não passa de balela. Outras pessoas, inclusive cientistas, curvadas às evidências, admitem que o fenômeno é real, mas entendem que a balela consiste em responsabilizar a ação humana por ele.

Quem dera fosse assim. Mas não é. Ainda que fosse tudo balela, não serviria de consolo. Mesmo sem aquecimento global, a manutenção da vida na Terra está ameaçada pela pressão insuportável exercida pela humanidade sobre os recursos naturais.

Considere-se este dado espantoso: a humanidade retira e consome cerca de 30% a mais do que a Terra é capaz de regenerar e repor – déficit que aumenta 1,5% ao ano. Isso é terrível. Nesse ritmo, o esgotamento dos recursos indispensáveis à vida fica cada dia mais próximo e dramático. E nesse processo o aquecimento global do planeta é apenas mais um complicador.

Sejamos ainda mais didáticos. Se você, leitor, tem um recipiente com cem litros de água, tira três litros e repõe dois, em quanto tempo ficará sem água? É mais ou menos o que se está fazendo com os recursos da Terra.

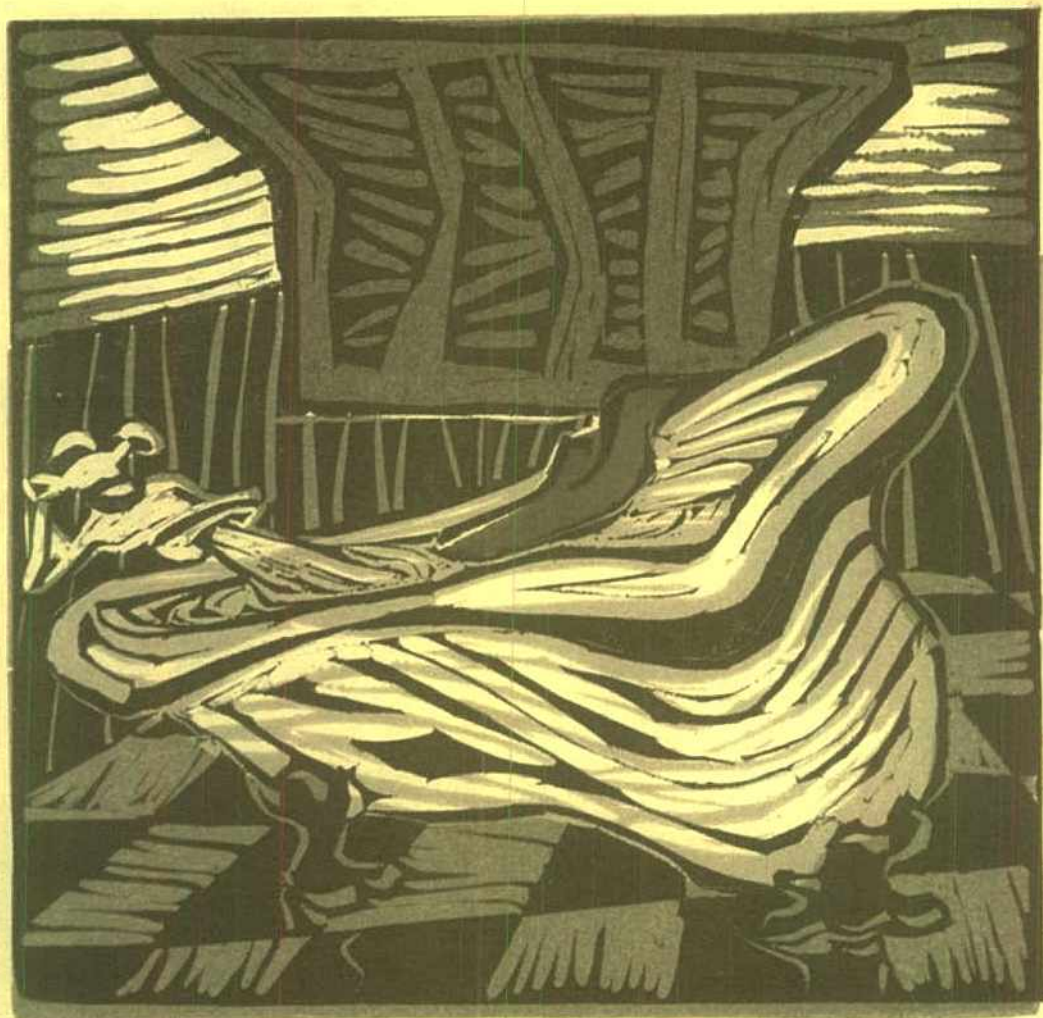
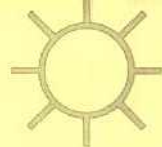
Fazer o quê? A resposta é simples. Já implementá-la... Viver com menos – eis o grande imperativo, não para os bilhões de pessoas que consomem quantidades de recursos abaixo do mínimo indispensável a uma vida confortável e digna, mas para todos que ultrapassam esse limite.

Recentemente encontrei-me com uma certa Aleida Guevara, cubana, filha de um certo Ernesto Che Guevara. Resumindo o que se pode chamar de “modo de vida cubano”, disse-me Aleida: “Em Cuba, ao invés de muito para poucos, como é em praticamente no mundo inteiro, procuramos garantir um pouco para todos. Foi para isso que meu pai lutou e foi por isso que o assassinaram”.

Pensei: aí está a saída, a fórmula salvadora, venha ela da satanizada Cuba ou de onde quer que seja. *Ao invés de muito para poucos, um pouco para todos.* É o que determinam as limitações e a exaustão dos recursos do planeta, a justiça social, o bem-estar a que todos têm direito e, enfim, a sustentabilidade da vida.

Não é preciso renunciar ao indispensável, mas ao dispensável, sim. Cada vez que alguém age assim contribui para desacelerar o ritmo de esgotamento dos recursos indispensáveis à vida. O planeta vem sendo tratado há muito tempo como se fosse fonte inesgotável de recursos postos à disposição da voracidade humana insaciável. Sabe-se agora que não é bem assim. Se não se poupar, vai faltar. E se faltar, babau. ☀

Juvêncio Mazzarollo é jornalista ambiental em Foz do Iguaçu, Paraná.



8/10

Ely Felder 2006

"Banheira", linoleogravura, original colorido, de **Ely Felder**.

Esta peça integra a exposição "Encanada",
em exposição até outubro de 2008, no Ecomuseu de Itaipu, em Foz do Iguaçu.

Ely Felder é artista plástica em Curitiba, Paraná.

Gebing

Transportes Ltda.

Fretamento
para roteiros
urbanos
e viagens
intermunicipais.



Pacotes especiais para:

- Escolas
- Igrejas
- Empresas
- Eventos culturais

Tel: (45) 3525 0520
(45) 9926 1231

Foz do Iguaçu - Pr.

O que fazer no Refúgio Biológico Bela Vista

Percorrer trilhas em meio à mata para ver de perto, em viveiros, animais como a onça-pintada, o macaco-prego e o gambá, nativos da região do reservatório.

A observação é feita ao longo da **Trilha dos Animais**. Na **Trilha Guaimbê**, a atração são espécies florestais como o cipó guaimbê, que cresce entrelaçado a árvores de angico guraça de aproximadamente 300 anos, 26 metros de altura e 3,5 metros de circunferência.

As trilhas **dos Sentidos** (elementos da natureza estimulam olfato, tato, audição, paladar e visão), **de Experiências em Sustentabilidade** (apresentação de sistemas construtivos e energéticos economicamente viáveis e ecologicamente corretos) e **das Águas** (demonstração da importância de se preservar os mananciais) promovem a educação ambiental dos visitantes.

Reservas e dúvidas: 0800 645-4645 / fax (45) 3520-6398 / reserv

observações

Onde fica?

Rua Teresina, 62 – Vila C Nova.
Foz do Iguaçu.

Dica Importante:

Caminhadas, de até duas horas de duração, sugerem o uso de roupas e calçados adequados.



e'guatá
visitar, conhecer, vivencia



Refúgio Biológico

É uma unidade de proteção ambiental para receber milhares de animais, em que Itaipu pesquisa espécies florestais, a reprodução de animais em cativeiro e a recuperação



VISITE O SITE WWW.VOTENASCATARATAS.COM E ELEJA AS CATARATAS

Refúgio Biológico Bela Vista

Parque Nacional do Iguaçu, criada nos anos 70 para preservar os animais "desalojados" pela produção de mudas de árvores e animais silvestres de áreas degradadas.

Reserva Biológica Bela Vista
reserva@complexoitaipu.tur.br



Quanto custa o passeio:

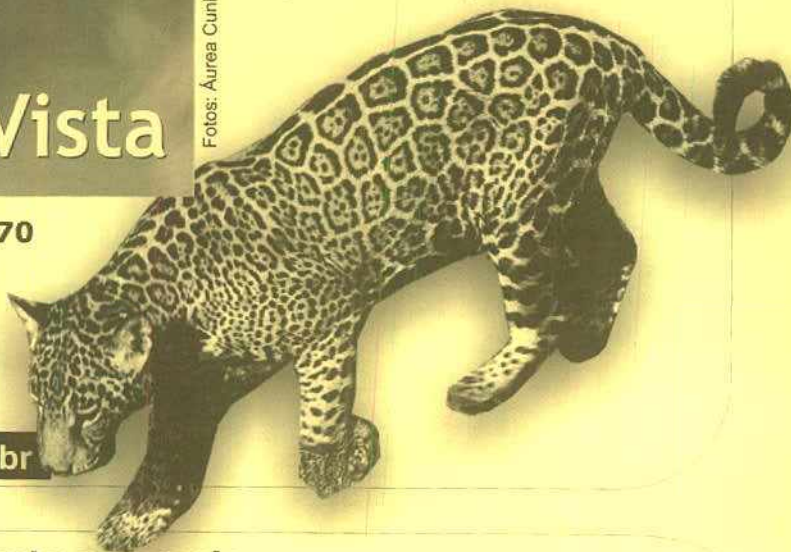
R\$ 12 para adultos e R\$ 6 entre 7 e 16 anos, acima de 60 anos e moradores de municípios limítrofes, entorno do Parque Nacional do Iguaçu e da região trinacional. Na visita integrada Usina-Refúgio Biológico, com saídas sempre a partir do Centro de Recepção de Visitantes, R\$ 20 pela margem brasileira. Crianças entre 7 e 16 anos e adultos maiores de 60 anos pagam R\$ 10.

Saiba mais sobre o Refúgio Biológico Bela Vista: www.itaipu.gov.br

Fotos: Aúrea Cunha e Assessoria Itaipu

Dias de visitação

Segunda-feira e de **quarta a domingo**, às 8h, 8h30, 9h, 14h e 14h30. Às segundas e de quarta a domingo também é possível fazer a **Visita Combinada Usina-Refúgio Biológico**, com saídas às 8h. Esta exige agendamento prévio.



Natural Brasil



Apoie um produto ecológico e socialmente correto
Support ecologically and socially correct products

PRODUTOS Products

de algodão que já nasceu colorido:
 Off Cotton Coloured by Nature

• CAMISETAS
T-SHIRTS

• REDES
HAMMOCKS

• ACESSÓRIOS
ACCESSORIES

• BRINQUEDOS
TOYS

CAFÉ ORGÂNICO
ORGANIC COFFEE

COSMÉTICOS DA AMAZÔNIA
AMAZON COSMETICS

ARTESANATO DE BARRO
E MADEIRA
CERAMIC HANDCRAFT
AND WOOD

*For do Iguaçu
Brasil*



Natural Brasil

www.naturalbrasil.org
naturalbrasil@yahoo.com.br

55 45)3529.9945
 Av. das Cataratas Km 11

DO IGUAÇU COMO UMA DAS SETE MARAVILHAS NATURAIS DO MUNDO!

MAPPA DO MUNICIPIO DE FÓZ DO IGUASSÚ

ESCALA 1:1.000.000

Um conto de Emerson Dias

O FOTÓGRAFO DA FRONTEIRA

*R*egistrada está no pano da história... A imagem ali, pronta, moldada no papel grosso com abas desfiadas e num gris relutante como vela avistando temporal, presa entre quatro bordas, quatro quinas reforçadas com o cercado rijo dos meus dedos, polegares palanqueados à esquerda e à direita marcando em linha reta início e fim da planície que sustentava a igrejinha com chamas descabeladas ao vento outonal. Consegui! Depois de disparada carreira cortando o lote dos Vera e o terreirão dos Batista, saltando a estacaria da Mesa de Rendas e desviando do lamacento Córrego M'Boicy, brotava ali o rascunho da memória, arfando repousado sob o fixador e querendo emergir como o deus-serpente guarani criador dos saltos do Yguassu, brotando da escuridão do quarto recendendo amônia e suor desenfreado deste principiante fotógrafo de quermesses. Ah, as quermesses! Festas pontilhadas de gente movida pelo desejo de transformar o velho oeste em uma clareira ecumênica e esperançosa por reconhecimento ou por um olhar de canto que fosse por parte das capitais léguas distantes. Três governos, nenhuma atenção e ainda assim brasileiros, paraguayos e castellanos insistiam em dar lenha ao fogo pioneiro fagulhado aqui século de antanho. Centelhas na memória em conluio com as faíscas pulsando da capela deitada no papel que bóia à minha frente, lembranças cálidas dos dias santos e suas cores brotadas das janelas vesgas defronte estradas que levavam compadres e comadres ao paço central da Vila Yguassu! Guarânios, tangueiros e gaúchos das estâncias cercanias se revezando nos acordeões, harpas, violas, cornetas, tambores, gaitas e rabecas, sustentados por alpargatas, botinas e sandálias emplastadas de barro nascente dos pisoteios regados a vinho e aguardente do alambique dos Martins. Crianças com matracas nas mãos e pentes empapelados nos beijos tentando acompanhar fandangos e arrasta-pés engolidos pela madrugada onde vaqueiros com pilchas respingadas, senhores com camisas amarfanhadas e até índios engravatados rodeiam fogueiras e arrancam tiras dos costelões dourados no contraponto do gole da cachaça. Moçoilas e damas fitando, entre leques e rendas, as bruacas doutro lado das vielas num eterno questionar da moral dos soldados da Colônia Militar que cumprimentam tão libertino mulheril em plena noite santa. Festas sempre



O registro feito por Harry Schinke do incêndio na igreja, nos anos 20 do século passado.

iniciadas pelo badalar do bronze sagrado da Igreja acastelada no alto da estrada, da Casa de Deus tão sonhada pelas beatas desde a promessa de Monsenhor Guilherme três anos atrás. Antes, homens santos vinham somente das terras de Posadas e da distante Guarapoava duas ou três vezes ao ano. Era uma alegria só quando missioneiros vinham rezar, batizar crianças e selar matrimônios dos amasiados. A capela se ergueria do chão somente no ano que passou, depois de padre Guilherme, padre João e irmão Bianchi terem recebido a chancela da Paróquia de Guarapoava para construir, catequizar e pregar na distante culatra do Estado que continha a chama da fé iluminando a borda de cá, tão distante e tão opaca pela lonjura da civilização, das cidades, das casas adobadas, dos bondes e dos carros motorizados zingrando pavimentos e seus paralelepípedos. Mas agora veio o fogo da exaltação que representaria a alegria de muitos voltando do auto-exílio para as terras da família e para os quinhões herdados de patriarcas mortos, labaredas que engoliam a igreja de madeira, de telhado ripado, de esteio frágil e implorante por ajuda dos aldeões. Incêndio causado pelos escapulidos folguedos que sinalizavam a saída dos Tenentistas para o norte, direção contrária do Exército regido por Marechal Cândido Rondon. A

imagem balança em minhas mãos tentadas a aplacar o fogaréu com um sopro quente dentro do cubículo escuro, mas o fixador apreende a lembrança de vez, colocando o que vi para que outros possam ver, rever e socar o punho sobre a mesa dizendo que somos um povo cercado pelas agruras, pela aspereza da vida, pelo descaso misantrópico do governo republicano que vem nos escarnecendo como um ninguém, um sabujo dependurado no mapa de uma província e despencante tal qual as grandes águas do rio. Mas somos o broto de uma história tremulando renitente neste paraíso verde visto por mais estrangeiros viajantes dos vapores portenhos que brasileiros cultos e abastados, somos o marco – ainda que amorfo e esgrouvinhado de uma comunidade

latente e de garras tesas para o porvir.

Hoje, 3 de maio de 1925, três dias antes dos meus 22 anos completos, eu, Harry Schinke, registro fogo e ruínas causados pelo despreparo, pelo descuido e até pela ignorância dos meus iguais. Mas amanhã, testemunharei o levante aguerrido, um enxame de pés descalços prontos para amassar esta imagem, soprar o cinza e emanar, da linha que corta fora a fora a estampa do cenário, paredes amareladas e cheirosas de madeira nova daqui mesmo da nossa região, do nosso mundo. Sim! Outro altar construiremos sobre os restos daquele, fixados com pregos e argamassa da fé que não tem fim.

Não sei se esta fotografia vai durar mais um século, mas nossa história será mais forte que o papel, mais forte que as palavras e mais forte ainda que os balaústres crepitantes da capelinha. Uma vereda que nasceu fundo sertão adentro e que agora não tem mais como estancar, pois a foz deste rio termina em redondilhas que passarão de boca em boca até extravasar por outras terras, fazendo da imagem que tenho nas mãos apenas uma em milhões. Eis minha sina, eis nossa sina. ☀

Emerson Dias é jornalista em Maringá, Paraná.

Noites de Domingo

Eu não gosto das noites de domingo. Os domingos, de modo geral, são os dias mais melancólicos para mim. À noite parece que esse sentimento se agrava. É como se as noites de domingo fossem mais escuras do que as outras.

O silêncio e o vazio das ruas, durante o dia, me tocam de uma forma dolorosa. As tardes se parecem com as cidadezinhas pequenas, pacatas, sem movimento. Eu gosto das cidadezinhas pequenas apenas de passagem. Não para moradia. Se as tardes já se revestem de melancolia, o que as noites vão nos reservar?

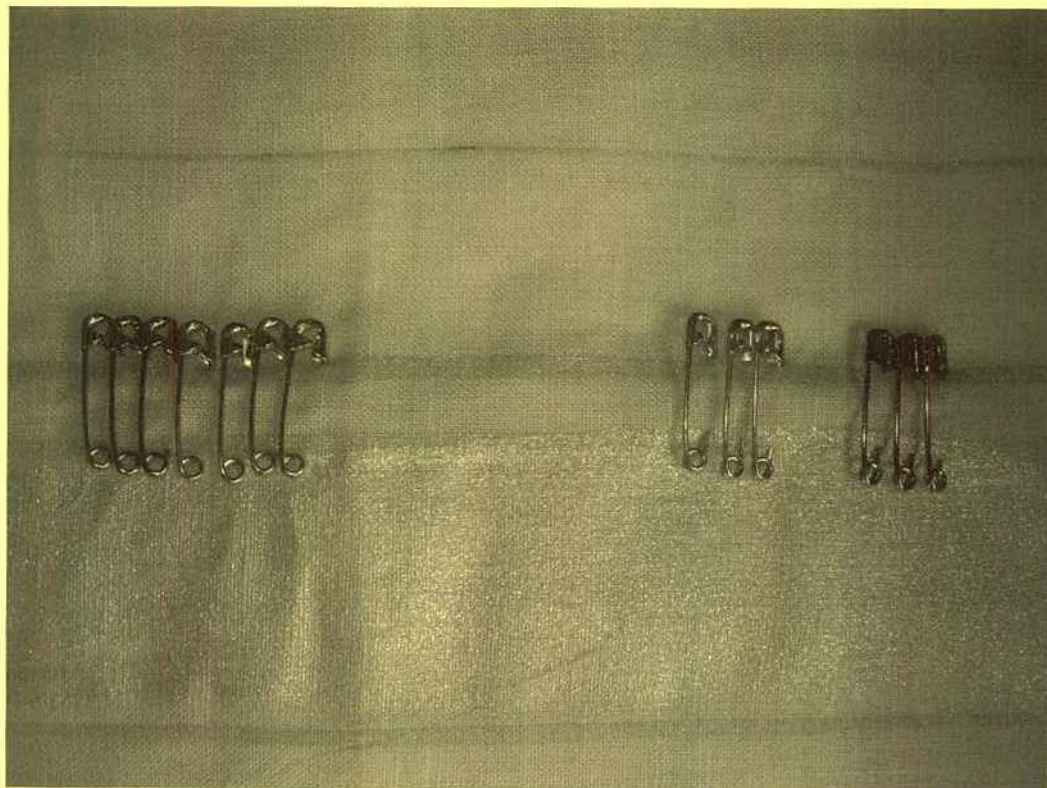
As noites de domingo se parecem com despedidas. É quando os estudantes se despedem da casa dos pais para pegar o ônibus e partir para outros lugares. Os lugares onde eles já não são mais filhos. É quando os namorados se abraçam e se beijam, já com saudades, porque cada um sabe que tem que se preparar para cuidar de seus afazeres.

As noites de domingo são o prenúncio da separação. Da retomada da rotina longe de quem se ama. Do retorno à vida produtiva. De dias corridos em busca da sobrevivência.

Nas noites de domingo, é hora de ativar o despertador do relógio. Porque na segunda o sol nasce mais cedo do que nas manhãs de domingo. As manhãs da segunda são aguardadas ansiosamente, porque aí se sabe, se tem certeza, de que o domingo finalmente findou-se. E então já não há mais domingo, já não há mais melancolia, só há a esperança de que os dias corram, cada vez mais rápido, para mais uma vez se nascer e morrer.



Carina Paccola é jornalista em Londrina, Paraná



"Sinfonia nº 39 em fá maior de MOZART"

Produzido com cambráia de linho, tinta de tecido e alfinetes de metal por Lucia Misael, em comemoração dos 250 anos do compositor alemão.

Lucia Misael é artista plástica em Colombo, Paraná.

La Garganta del Diablo, Yriapú en “La Tierra Sin Males”

Fatigado por la ardua tarea de esparcir maldades, Añá detuvo su trajinar de milenios en la desembocadura del río Iguazú.

La siesta americana calcinaba duendes remolones cuando el diablo recostó su osamenta ígnea sobre el cauce del Aguas Grandes.

El río, con maternal gesto, extendió una húmeda sábana sobre ese cuerpo envuelto en llamas y Añá, ingratamente desaprensivo, cayó en la autotención de beberse toda el agua cristalina: Abrió su bocaza volcánica y el Iguazú, violentamente defraudado, despeñó en ella su furia líquida. Desde las fauces del mismo infierno, telúricos rugidos sísmicos sacudieron la tierra anunciando que el agua vencía al fuego una vez más.

Repentinamente endurecido, como lava bruscamente enfriada, el cuerpo de Añá quedó aprisionado para siempre entre los barrancos y desde la Garganta del Diablo, en un sostenido Yriapú disfónico, el río retorna como espuma y niebla.

Es por esto que los Mbya-Guaraníes reconocieron en esta parte del mundo “La Tierra Sin Mal” o Yvymaraey que buscaban en su peregrinar planetario.

Yriapú: Rugido del agua

Añá : Deidad que representa el mal entre los Guaraníes.

Iguazú: Trad. del guar. : “Aguas Grandes”.

Garganta del Diablo: Nombre de la principal caída de aguas de las Cataratas del Iguazú.

Yvymaraey: Del guar. Yvy: Tierra; mara: mal, mancha; ey: sin : “La tierra sin mal”.

Mbya: “La Gente”, etnia Guaraní que habita el actual territorio de Misiones.

Cansado pela árdua tarefa de espalhar maldades, Añá deteve seu caminhar de milênios na desembocadura do rio Iguazu.

A sesta americana calcinava duendes preguiçosos , quando o diabo recostou sua ossada em fogo sobre o leito do Aguas Grandes.

O rio, com gesto maternal, estendeu um úmido lençol sobre esse corpo envolto em chamas e Añá, ingratamente inescrupuloso, caiu na auto tentação de beber toda a água cristalina: abriu sua bocarra vulcânica e o Iguazu, violentamente defraudado, despejou nela sua fúria líquida.

Das goelas do mesmo inferno, telúricos rugidos sísmicos sacudiram a terra anunciando que a água vencia o fogo mais uma vez.

Repentinamente endurecido, como lava bruscamente esfriada, o corpo de Añá ficou aprisionado para sempre entre os barrancos e, da Garganta do Diabo, em um sostenido Yriapú disfônico, o rio retorna como espuma e neblina.

É por isto que os Mbya-Guaraníes reconheceram nesta parte do mundo “ A Terra Sem Mal” ou Yvymaraey que buscavam em seu peregrinar pela terra.

Glossário:

Yriapú : Rugido da água.

Añá: divindade que representa o mal entre os Guaranis.

Iguazú: Trad. del Guar.: “Águas Grandes.

Garganta del Diablo : Nome da principal queda d'água das Cataratas do Iguazu.

Yvymaraey : Del guar. Yvy : Terra; mara : mal, mancha; ey : sem: “A terra sem mal”.

Mbya : “A gente” etnia guarani que habita o atual território de Misiones

(*) Karoso Zuetta é argentino, músico, pesquisador da vivência m'bya guarani. Mora em Posadas, Misiones. Zuetta é membro do Conselho Argentino de Música da Unesco. (**) Tradução para o português: Carmen Luzia Alpendre dos Santos. Carmen é professora de língua espanhola em Florianópolis, SC.



'Ysy' (a mãe da água), criação de Miguel Hachen,
e que hoje faz parte da coleção particular
do Sr. Guillermo Camarotta, cônsul argentino em Foz do Iguaçu.

Miguel Hachen é argentino, radicado em Foz do Iguaçu. Artista plástico e muralista.

Wilma Nunes Rangel

Caminhos & desencontros

Procura-se um
grande amor

Que me faça "seu lar"
Que saiba fazer café
E que goste de assistir balé...
Que leia Whitman em poesia
Me deixe longe da pia

Procura-se um grande amor
Que ao me olhar
Veja sempre a deusa Vênus despida
Que sinta quando o nosso silêncio
Precisa virar melodia...

Procura-se um grande amor
Que perceba em minha face
O segredo da Monalisa
Que me leve ao mar
Para com o nascer do sol
Tudo recomeçar...

Procura-se um grande amor
Que me pinte em paisagens
Daquelas vistas em viagens
Partilhadas em tardes
Com massagens
Ao toque da nota
Do bolero de Ravel

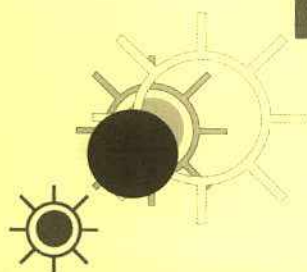
Procura-se um grande amor
Que me torne múltipla
Diante do espelho
E me deixe única
Na palma de suas mãos...



*Wilma Nunes Rangel é poetisa, graduada em Letras e pós graduada em Pesquisa e Literatura Brasileira.
Professora do Estado, técnica em educação da Secretaria Estadual de Educação - NRE/Foz do Iguaçu*



Técnica mista de recortes e aquarela, original em cores,
de **Débora Brito**. Débora é ilustradora em Londrina, Paraná.



Raul Quadros



Cataratas

Não me conhecem ainda
Venham ver como sou linda
Não existe outra igual...
Do Rio Iguaçu eu sou filha
Sou a grande maravilha
Deste Brasil colossal.

Sou do Parque, das florestas
Onde pássaros em festas
Festejam meu esplendor.
E a minha natureza
Tem ar puro, tem riqueza
Muita paz e muito amor.

Sou da Ponte da Amizade
Também da Fraternidade
E da Usina de Itaipu.
Do lago que ao longe some...
Sabem como é o meu nome?
CATARATAS DO IGUAÇU!

(Poema inédito de Raul Quadros)

Socorro



Socorro...
O mundo está acabando.
Tem tanta gente penando
com os horrores da guerra.
Socorro...
O homem está destruindo
este planeta tão lindo
que nós chamamos de Terra.

E o homem só vai destruindo
tudo consumindo, o verde sumindo
e ninguém assumindo,
meu Deus, quanto mal.
Os rios cedendo, os peixes morrendo
nas águas descendo
e ninguém está vendo o desfecho final.

O tempo vai se passando,
a doença matando e nós respirando,
se sufocando com tal poluição,
porque o homem devora a fauna e a flora,
que chora e implora,
mas ele ignora pela sua ambição.

Ao homem não mais me apego.
Eu falo e não nego, o homem está cego
e só a Deus eu entrego os dias meus.
só a ele eu corro, corro e recorro
no campo, no morro, pedindo socorro,
socorro, meu Deus!

*(Poema de Raul Quadros, publicado na revista
Painel dezembro de 97 / janeiro de 98)*



Raul Quadros era músico e poeta em Foz do Iguaçu até sua morte no ano de 2007

Visão com estilo

Principais marcas em armações e lentes para óculos de sol e grau.

Óticas Lunelli



Transitions



pierre cardin



Ganhe 20% nas compras à vista
ou 10% nas parceladas em 6x sem juros.

Rua Almirante Barroso, 1523

Avenida Brasil, 1020

Fone: (45) 3028-4415

Fone: (45) 3574-4414

Foz do Iguaçu - Centro - oticaslunelli@yahoo.com.br

SuQtel

pastelarias

lanches rápidos
doces & salgados assados
pão de Queijo

FOZ DO IGUAÇU

• Rua Quintino Bocaiuva, 653, Centro
(Quase esquina com Av. Brasil)

Telefone: (45) 3572.5272

• Rua Xavier da Silva, 649, Centro
(Em frente à Prefeitura Municipal)

Telefone: (45) 3523.9101

JOINVILLE - SC

Rua XV, Centro.

Telefone: (47) 3433.4650

Pastéis tradicionais

- Carne •
- Pizza •
- Queijo •

Pastéis Especiais

- bombom •
- banana & canela •
- prestígio •
- palmito •
- frango & catupiri •
- frango •

- sucos naturais e de polpas •
- chocolate quente •
- café •

Salgados para coquetéis:

Encomendas pelo
tel: (45) 3523.9101

Matilde



Use e abuse
da magia que
a Farinha Matilde
traz para o seu
dia-a-dia.
É a mais branca,
pura e saborosa
farinha de trigo.

Servindo qualidade na sua cozinha.

É a farinha da fadinha.

(45)30251457

Av. Garibaldi, 200 Vila "A" de Itaipu
Foz do Iguaçu-PR Cep:85861-550
mundodafarinha@hotmail.com



"Padre Tupiniquim", xilogravura de Douglas Lalan Bessoni

O Ponto Final

Richard de Souza

Ele nos chama. E nós vamos.

Os hábitos arraigados nos levam a isso. Não há advertência que nos faça pensar em outras maneiras.

Quão pobre é o ser humano na compreensão das possibilidades...

Falta-nos a simplicidade das outras espécies: manter a sobrevivência e a evolução do grupo garante as chances do indivíduo. Não o contrário.

Uma vez aprendi que “economia é a ciência da escassez”. Algo assim.

Mas o que são recursos escassos? Do que precisamos realmente?

Ainda bem que um bicho não precisa pensar nestes grandiosos temas. Ele só vive. Ou morre.

Nós humanos, ao contrário, nos colocamos tantos dilemas e necessidades que a vida parece passar assim, num vapt-vupt.

Como se sempre faltasse tempo ou alguma outra coisa.

Está na hora da ciência das escolhas. O que inclui pensar. Preciso antes do quero.

Veríamos que muita coisa não nos são de utilidade alguma. Ou que poderiam esperar um pouco mais, ficando guardadas em nossa ilimitada “caixa de desejos”.

E, também, que muitos atos simples, hoje encarados como verdadeiros sacrifícios, seriam realizados com uma normalidade absurda.

Como, por exemplo, separar devidamente nosso lixo caseiro. Nos toma tempo, mas não é tanto assim.

Ou, que precisamos de grana, claro, porém não para gastar em tanta besteira como fazemos hoje, onde não sabemos mais o que é “primeira necessidade”. Será que um “NIKE” é?

Coisas simples, como se pode ver, mas que na vida atual se perderam frente aos desejos que nos foram incutidos, com extrema competência, pelo “sistema” – uso esta palavra fria porque não me ocorre outra – de forma gradual, bem estudada e adaptada a cada momento e situação.

Tiro o chapéu para os caras.

Afinal, hoje o rock e o jeans não simbolizam mais o protesto.

E virar o “espírito” com que as coisas nascem ao avesso é um feito brilhante.

Todavia, isto é normal. O que não é normal é aceitarmos tudo do jeito que vem.

Somos humanos, lembrem-se... podemos pensar, discernir.

Isto é o que falta. Aí poderemos nos afastar do tão falado “apocalipse”. Tanto o do nosso planeta, como também daquele nosso – o individual.

Simples mudanças no nosso comportamento, na nossa ética e nas nossas ações fazem muito mais do que as receitas milagrosas contidas nestes milhares de livros e filmes de auto-ajuda.

Afinal, como pode cada um continuar pensando em si mesmo, em melhorar sua qualidade de vida e em encontrar sua felicidade, caminho que pressupõe que o indivíduo é uma ilha dentro da humanidade, sem interligações?

Volto ao que disse no início: num aspecto devemos agir como os outros animais (e plantas por que não). Lutar para garantir a progresso de nossa espécie como um todo.

Claro que aproveitando os recursos extras que temos em relação aos outros seres vivos, como o uso potencializado da inteligência e do modo de pensar abstrato com os quais a evolução nos dotou.

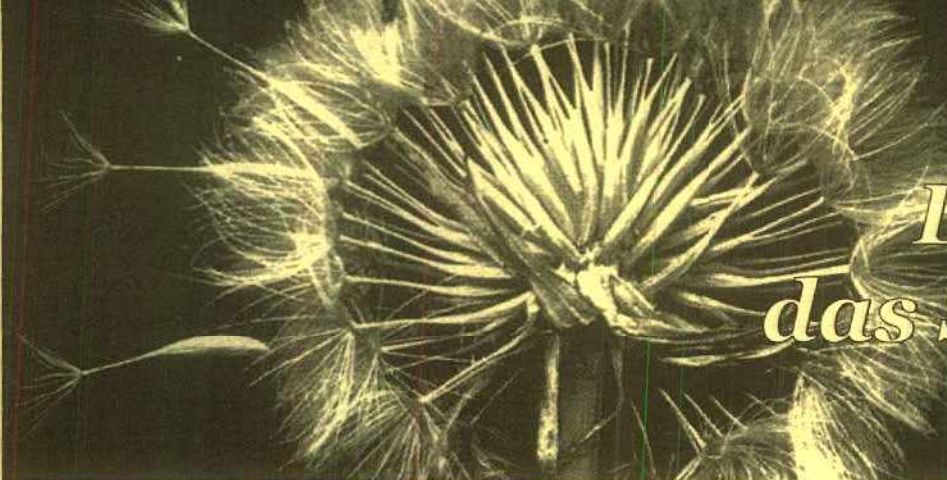
Aí sim deixaremos de ser um Homo Sapiens de 3ª categoria. ☀

Richard de Souza
é brasileiro, operário,
dekassegue no Japão.





*Crianças m'bya guarani, retratadas por **Áurea Cunha**, fotógrafa em Foz do Iguaçu.*



Novo Dicionário das Sensações

(*) Carla Câmara

As belezas naturais sempre me impressionaram. E não me refiro apenas às belas cachoeiras de Foz do Iguaçu, às praias paradisíacas de Jericoacoara ou àqueles lugares pelos quais ainda sofro do desejo de conhecer. Falo também do cerrado minguado de Santana, com suas arvorezinhas retorcidas que mais parecem bonsais, e que certamente amarraram as raízes voluntariamente, disfarçando a própria vida da radiação intensa e das chuvas torrenciais da linha do Equador.

Cansei-me de procurar vocábulos que pudessem descrever meu encantamento. Mas quando cheguei a Imperatriz pela primeira vez, tive a oportunidade de conhecer uma expressão que traduzirá, por toda a minha existência, a exaltação que sinto diante das excêntricas criações da vida: “é tão tanto!!”.

Sr. Eurico certamente não tem idéia da inovação lingüística que gerou. E nem eu me atreveria a defendê-la publicamente diante dos ilustres literatos da academia. Nem desafiaria o Segala, o Luft ou o Aurélio a um duelo entre o “indescritível”, o “exuberante”, o “excêntrico”, o “fascinante”, qualquer um deles, e o “é tão tanto”.

Não se trata de incredulidade diante do singelo e tão pouco letrado “é tão tanto”, mas de uma consciência - talvez não muito comum entre o público erudito - da supremacia do sentir sobre o saber.

Posso, por exemplo, saber muito sobre a beleza úmida da floresta atlântica. Suas espécies, sua temperatura, a cor da água de seus rios, o número de horas de luz no seu interior, posso inclusive ouvir o som de suas aves no meu “cd player”. Mas estar dentro dela e perceber

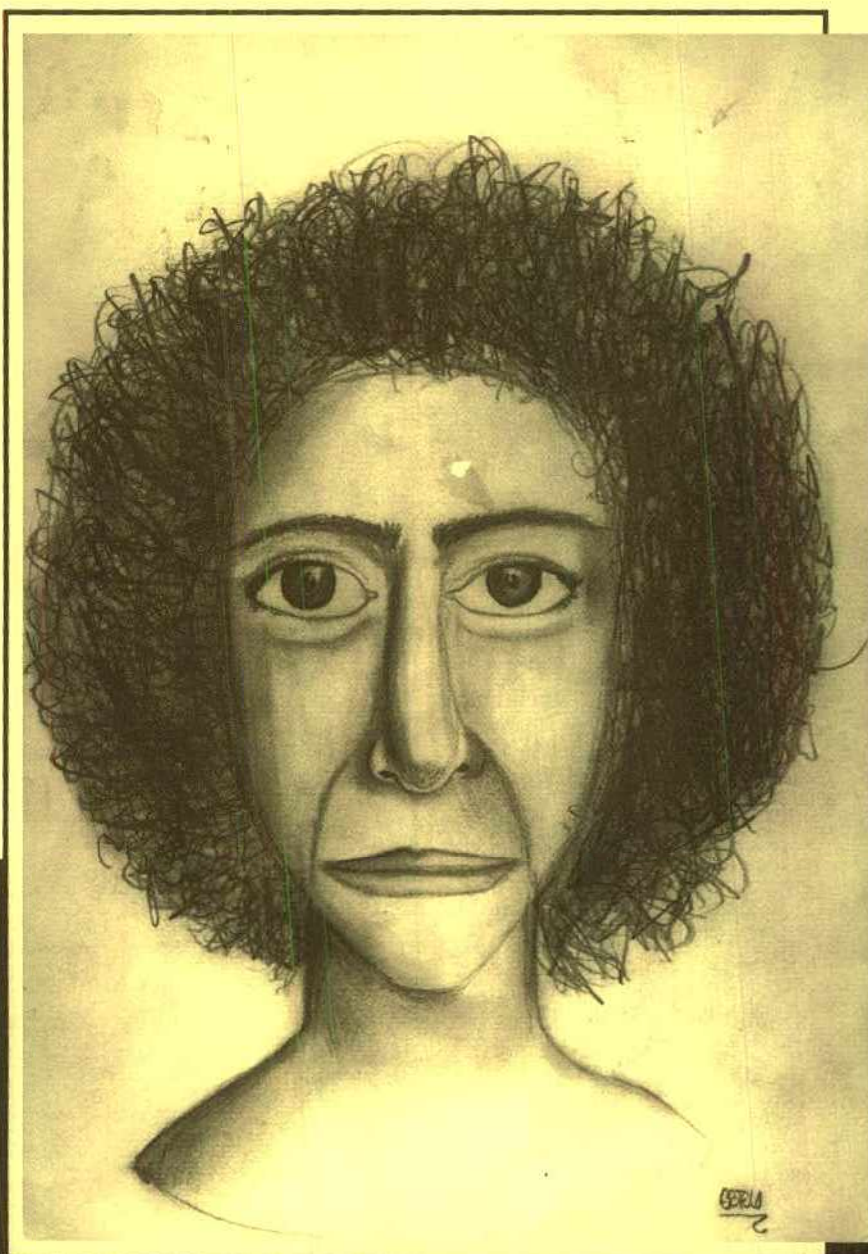
seus aromas, a umidade do ar na pele, ouvir os sons, ver e enxergar tantas cores e formas, mergulhar na água fria de seus rios, tudo ao mesmo tempo... Ah, isso sim, “é tão tanto”... E para desfrutar de todo este prazer e atingir a felicidade infantil do deslumbramento, posso, inclusive, ignorar qualquer conhecimento primário de botânica, limnologia, meteorologia, e ainda me abster de qualquer adjetivo “pertinente”. Concordo (humildemente) com Fernando Pessoa: sentir é estar distraído...

E este sentir, sim, “é tão tanto” que nem mesmo todos os dicionários, com suas coleções incontáveis de adjetivos e seus sinônimos seriam capazes de descrever. E é por causa desta incompetência semântica das palavras aprendidas e enquadradas em sua identidade gramatical é que continuo um profeta incansável do “é tão tanto”. Amém.

Carla Daniela Câmara é doutora em Engenharia Hidráulica e Saneamento e reside em Piracicaba - SP.



*"José", desenho
de **Estela da Silveira Valiati**,
estudante do ensino
médio em Foz do Iguaçu*



Olhos grandes, corpos minúsculos



Os olhares dialogavam-se e as palavras eram sempre sem muita essência naquela família tradicional. Quatro filhos, uma moça e três rapazes.

O pai era reservado e de poucas palavras. A mãe alegre, mas às vezes notava-se no olhar certa doçura amarga como uma dose de Campari no gelo.

Quando me casei com o caçula cuidaram para que eu, entre uma olhada e outra, me colocasse no lugar de estrangeira. Para mim que descendo de família espanhola abasileirada nada havia de mais natural que a palavra, o toque, o abraço caloroso. Cresci em meio ao sentido tátil e só via união entre as pessoas por meio de toques e de palavras.

Não havia discussão familiar. Os almoços domingueiros possuíam a força dos cinco sentidos transmitidos apenas pelos olhares que se entrecruzavam e traduziam-se em aflições angustiantes como se lutassem para verbalizarem-se, ou tocarem-se... A mãe servia o prato do pai. Os filhos desde pequenos adquiram posse sobre seus lugares à mesa. Ninguém sentava no lugar que pertencia ao outro, de vez enquanto um dos estranhos por não ter o hábito de viajar com acento marcado equivocava-se e tomava o lugar de um dos membros da família, mas logo uma olhada de repúdio assegurava de colocá-lo no lugar reservado e que lhe pertencia: o de estrangeiro.

Foi convivendo em meio a olhares que aprendi a decifrar a vida de cada membro daquela família de olhos imensos e corpos minúsculos. Nem sempre meus braços e minhas mãos obedeciam à convenção familiar e quando me distraía lá estava a estrangeira abraçando o sogro ou acariciando a sogra. O velho nunca demonstrou que lhe

agradara os meus abraços calorosos, porém também não deixara jamais transparecer o contrário e assim o meu caráter terno parecia-lhes falsidade ou bajulação e nunca compreenderam que certos seres carregam consigo a necessidade de serem aceitos e amados. Esse fato me incomodava e quanto mais vivia junto deles mais eu dominava a linguagem do olhar. Transformou-se num querer sem medidas conviver com pessoas de olhos grandes e corpos tão pequenos.

O patriarca era quem mais despertava o meu anseio em descobrir suas vontades, pensamentos, afinal, era o olho maior da família, depois dele o filho do meio no qual depositara toda confiança e admiração. Os demais possuíam olhos menos importantes e de pouca expressão. Era algo incontrolável o meu quase desespero em tornar-me membro daqueles olhares doados a mim e que me colocavam sempre na posição de estrangeira. O meu amor por eles crescia domingo após domingo ou em encontros planejados em datas comemorativas nas quais os olhares assumiam outras nuances, pareciam menos formais e mais verdadeiros.

Durante muito tempo passava horas imaginando que comportamento ou palavra deveria pronunciar para declarar aquele amor verdadeiro àquela família que eu ansiava em fazer parte sem que desconfiassem de minhas intenções. Houve momentos que permiti que meus olhos fossem maiores

que minha boca então via meu corpo agonizar até quase murchar, mas o velho não compreendia tamanho esforço e traduzia minha quietude em problemas conjugais e logo questionava o filho da importância da unidade familiar. O filho, que era meu marido, olhava-o com estranheza e me beijava a testa como se quisesse dizer que tudo estava caminhando em perfeita harmonia, e a sua visão cansada voltava-se para mim de certa maneira procurando confirmar o que o filho acabara de formalizar com um beijo.

E a cada domingo que anoitecia mais escuro parecia o rumo que eu deveria tomar para pertencer aquele grupo de pessoas unidas por grandes olhos e corpos diminutos. Meu anseio não era apenas em conquistar a confiança e o amor do velho como também de certa forma um tanto pretensiosa ensiná-lo a observar o mundo não somente com os olhos, mas deixar que o seu corpo desproporcional interagisse inteiramente com os outros membros da família e quem sabe permitir-lhes olhos mais expressivos e menos angustiados. Na verdade creio que o patriarca sabia que seus imensos olhos não davam conta de nutrir as lacunas deixadas pela falta de diálogos entre ele e os seus filhos.

Um dos estrangeiros que vivia no seio familiar resolvera de repente desmembrar-se do grupo ao qual nunca havia de fato feito parte. A matriarca tornou-se aflita com a separação do filho. Outros estrangeiros juntaram-se a decisão do primeiro e também partiram para o seus. Houve o estorrecimento dos irmãos e dos pais o que proporcionou total desequilíbrio na convivência domingueira daqueles seres de olhos grandes e de repente as bocas daqueles seres foram tomando espaço no resto do corpo e os olhos quase chegaram à proporção perfeita.

A instabilidade familiar coincidiu com a doença respiratória da mãe que em dois amargos anos entre idas e vindas ao hospital cominou-se com o seu falecimento. A morte traz consigo a rebeldia e a revolução e os olhos com esperteza aproveitaram o momento e provocaram sua própria greve. E intimaram as bocas a terem uma justa participação na guerra que aos poucos se instalara

naqueles corpos desproporcionais e assim os membros da família passaram a exercitar suas vozes e quanto mais as palavras eram pronunciadas, mais um se ressentia do outro.

O filho do meio que o pai sempre depositara admiração e confiança passou a ser questionado pelos irmãos. Talvez a carência proporcionada pelos anos de diálogos mudos havia dado-lhes o direito de reivindicar um pouco mais de espaço no grupo quando na verdade o que ansiavam era a certeza de serem tão amados e admirados pelo pai como o irmão do meio o era. E o almoço domingueiro naquela casa já não se fortalecia apenas pelas simples trocas de olhares. Para mim as mudanças no cotidiano deles soaram-me decepcionantes, porque eu já me acostumara a conhecê-los pelos longos diálogos de olhares. Ouvir suas vozes desordenadas resultou em uma situação nova e a cada encontro de família as minhas teorias e hipóteses a respeito de cada membro evaporavam-se e o que parecia sólido tornava-se líquido e escorregadio. Aos meus ouvidos nada parecia construir um sentido. Com a progressão natural do tempo observei que suas bocas tomaram os seus lugares nos corpos minúsculos daqueles seres e como as coisas tendem a acomodarem-se um equilíbrio insólito instalou-se na vida daqueles seres.

O patriarca não sugeria circunstância de desconforto e já não trazia na face um ar tão amargo. Seu estado era metamórfico e a doçura resistia em depositar-se nele, pois sua pele havia adquirido ao longo dos anos uma impermeabilidade natural.

Queixava-se de vista curta. Demorava a reconhecer as pessoas e o globo ocular revestiu-se de uma película esbranquiçada. Os filhos levaram-no ao oftalmologista que diagnosticou falecimento da córnea devido ao diabetes em estágio avançado. Desta vez sua boca não pode mais resistir à armadilha que seus olhos pregaram-lhe e então as palavras começaram a



escaparem-lhe dos lábios e dominar um território maior do seu corpo que não era mais tão minúsculo. Após cirurgia de transplante de córnea o médico constatou que o organismo rejeitara ao transplante e sua visão permaneceu na escuridão.

Alguns meses depois deram início a febres noturnas e diagnosticou-se uma infecção na próstata seguida de perda de memória e do urologista passou ao neurologista. Depois de intermináveis exames veio o cármico veredicto: uma doença degenerativa: “alzheimer”. A enfermidade do ancião motivou a união dos filhos menos à participação de estrangeiros e como a minha posição no núcleo familiar sempre fora essa novamente meus olhos cresceram e minha boca calava-se. Notei que com a doença do meu sogro que evoluía meus olhos evoluíam juntos e meu corpo havia tomado uma forma desproporcional, mas a família via menos e ouvia com maior apuro as palavras que sonorizavam no espaço domiciliar. Com o retorno ao estado infantil, efeito proveniente da doença, em uma reunião extraordinária resolveu-se que a contratação de uma enfermeira era inevitável, mas com a emenda de que se faria um revezamento e que cada irmão pernoitaria ao lado do pai e aqueles com menos encargos passariam as tardes auxiliando a profissional de saúde. O contrato foi fechado com a concordância de todos os irmãos.

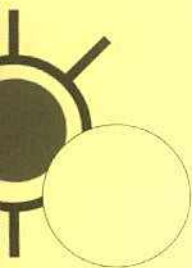
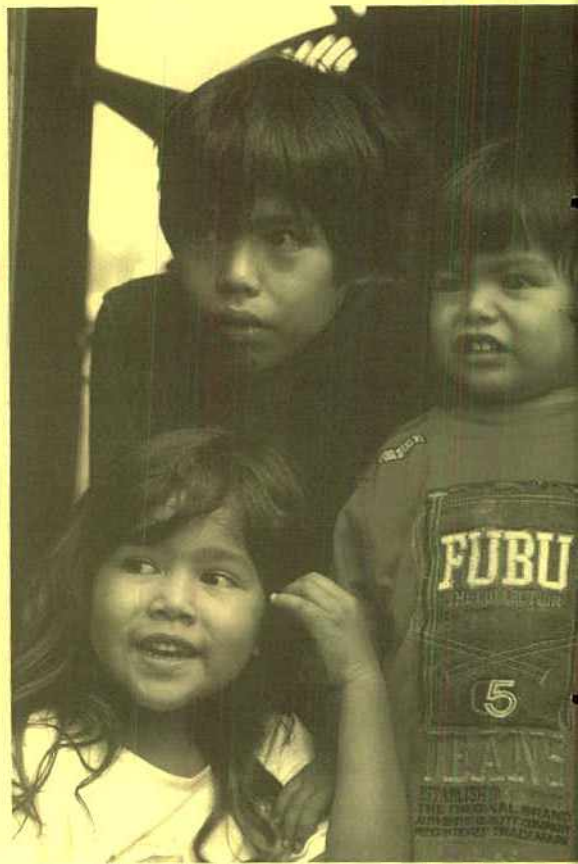
A mim e a minha cunhada ficou o encargo de cuidá-lo. Ela no período matutino, eu nas tardes ensolaradas e cheias de vida. E meus olhos voltavam com receio à justa proporção a qual sempre tivera sobre meu corpo.

Aos domingos brotavam nas conversas dos filhos sentimentos melancólicos a respeito do estado de saúde do velho, mas em mim crescia uma alegria natural e as lágrimas derramadas por eles não exerciam sobre mim nenhum sentimento de compaixão, porque diferente deles a progressão

da doença de meu sogro desvelava sentimentos que eu nutrira desde que me assentei em terra desconhecida. Sentimentos como o desejo de pertencimento, de aceitação, de confiabilidade que só uma criança reconhece e compreende e afinal o meu sogro de maneira incompreendida pelos filhos aos poucos retornava a infância. Não me dava conta da sua enfermidade, via apenas uma porta que se abria na minha direção a qual almejava há tanto tempo e que agora estava próxima de ser alcançada. No início causava-me estranheza ver um homem de quase dois metros, austero e comandante empoçar-se da alma de um menino sedento por atenção e amor. Amor era tudo que ambicionava em doar-lhe e quanto mais eu interagía com ele mais era insaciável minha dedicação e amor. Caprichava em cozinhar o jantar que lhe servia na boca e depois lhe contava histórias que sua cegueira compreendia e os ouvidos embebedados pelo som da minha voz agradeciam com um sorriso sereno e transparente. Ao distanciar-se da vida adulta suas recordações falhavam e eu não passava da moça que o cuidava, porém eu era a moça que lhe oferecia não apenas o alimento oferecia-lhe também a admiração, a confiança e o amor incondicional, sentimentos que só um coração jovem confia em receber de estranhos.

A enfermidade já dominava o seu organismo por completo então passei não só a admirá-lo como também a observar que a sua alma estava curada e o seu corpo doente havia adquirido uma justa proporção. A pesar da cegueira ele passou a enxergar a vida através da boca que verbalizou o resto do corpo e os cinco sentidos passaram a atuar na vida daqueles seres de olhos grandes e copos minúsculos como em um balé no qual a história é construída na interação entre o ritmo do som, do movimento, do cheiro, e do tocar-se que ultrapassam a compreensão da natureza humana que movida pelos costumes necessita morrer para renascer... ☀

Mara Cecília Lobregat é professora
de Língua Portuguesa em Foz do Iguaçu



Olhos

"Tobas", de Yuma Martellanz



Yuma Martellanz é italiana e trabalha como cozinheira, embarcada em um veleiro que viaja pelo mundo.

Yuma teve contato com a revista Escrita em sua passagem por Foz do Iguaçu, em meados de janeiro de 2008. De Foz, rumou para o sul da Argentina, onde produziu as fotos deste ensaio, com crianças da etnia **"Toba"**.

No site www.guata.com.br, há o relato dessa empreitada.

E PENSAR QUE CONHECEMOS

ou profundamente adepto da frase pronunciada por Sócrates "Só sei que nada sei". É isso mesmo, diante do conhecimento, somos mesmo insignificantes.

O que conhecemos do universo? Nada, ou muito pouco. Só a nossa galáxia, a Via Láctea, acredita-se tenha mais ou menos 5 bilhões de estrelas. O sol é uma estrela média, de quinta grandeza, quer dizer, existem estrelas, na própria galáxia, que são cinco vezes maiores que o sol. Imagina se uma estrela de quarta grandeza estivesse no lugar do sol, simplesmente adeus vida sobre a terra.

Agora pense, o sol é completamente incandescente, tendo uma temperatura altíssima. Nele tudo são gases e a sua temperatura é tão elevada que sentimos o seu calor na terra, sendo isso que mantém a vida em nosso planeta.

Mas vamos mais a fundo. Somos 6 bilhões de habitantes no planeta. Ora, os cientistas admitem que existem igual número de galáxias no universo. É algo simplesmente fantástico.

De tudo isso o que conhecemos é tão pouco que iguala-se a nada, frente ao que deveríamos conhecer. Por isso mesmo a nossa atitude, além de ser de profunda admiração, pois que tudo isso guarda uma beleza imensa, deve mesmo nos colocar no lugar que merecemos de nossa insignificância.

O conhecimento nos torna muito mais humanos, nos separa da barbárie, da ignorância, nos faz ver os seres humanos, com os quais convivemos, de outras formas, muito mais belas, mais significantes, enfim nos faz mesmo é ser mais gente.

No entanto há arrogância, prepotência, uma feira de vaidades incrível, onde predomina mesmo é a mediocridade, a inveja, enfim um mundo abjeto que precisa ser urgentemente rejeitado.

Viver o conhecimento, ver a sua beleza, a grandiosidade de conhecer, entender, relacionar, desenvolve as nossas faculdades mentais, enfim tudo isso nos faz mais homens e mulheres, cada vez mais próximos do mundo que vivemos.

É por isso que as questões hoje ambientais, causando tantos problemas e preocupações, talvez possam um dia apresentarem-se como as grandes soluções no caminho de um novo conhecimento mais enriquecedor para os seres humanos.

Entender que tudo isso que falamos do universo é pequeno frente a um único ser humano, dotado de altíssima complexidade. Ora nós ainda conhecemos muito pouco o funcionamento, por exemplo, do cérebro. Se pensarmos em desenvolver processos educacionais avançados, temos que trabalhar muito melhor as questões cerebrais. É mais do que certo que aprenderemos muito mais na medida em que conhecermos o funcionamento cerebral e nosso cérebro é de grande complexidade. Será que existe alguma relação entre a complexidade cerebral e o universo? O futuro dirá.

Então trabalhar com o conhecimento é um campo vasto, imenso, cheio de belezas inacreditáveis no caminho, tanto quanto também o trabalho é fantástico com todos os seres humanos. Educar alguém para viver melhor é algo fundamental hoje e o será mais ainda no futuro.

Assim o mundo evolui sempre no sentido de uma busca incessante de um conhecer que possa trazer a plenitude ao homem que não se contenta com a mediocridade de um consumo alienante que o torna menos humano. ☀

José Afonso de Oliveira é professor universitário em Foz do Iguaçu, Paraná.

NOSSOS CLIENTES COMPLETAM NOSSA EQUIPE!



Documentários
Audiovisuais
Videoclipes
Comerciais
Vinhetas
Filmes



ZEPÄ
cine & video

Almirante Barroso, 1305
Foz do Iguaçu | PR
Fone/fax: (45) 3523 8129
produtora@zepacinevideo.com.br



Centro de Convivência do Morumbi

Diariamente, milhares de iguaçuenses frequentam os **CENTROS DE CONVIVÊNCIA** em busca de lazer, esporte e cultura.

Os centros oferecem atividades no contraturno escolar para crianças e adolescentes da região onde estão implantados.

À noite e nos finais de semana, o espaço também é aberto à comunidade do entorno. São sessões de cinema, aulas de música e de informática e jogos, sempre acompanhados por monitores das secretarias de **Educação e Esportes**.

Centro de Convivência, o espaço cidadão!

Pensando o futuro, Foz do Iguaçu realiza a obra mais permanente, que é a da educação.

- Ginásio coberto com três quadras e palco,
- Quadras externas, piscinas adulto e infantil,
- Quadra de vôlei de areia,
- Laboratório de informática
- Cinema, biblioteca e sala da "Menina Moça",
- Espaço para dança, artes marciais, música e xadrez

EM FUNCIONAMENTO:

"Leonel de Moura Brizola" - Bairro Três Lagoas

"Darci Zanatta", Bairro Morumbi

"Complexo Erico Verissimo", Jardim São Paulo

Em construção: Centro de Convivência da Vila C
Outros três centros já estão licitados.



PREFEITURA MUNICIPAL
DE FOZ DO IGUAÇU
Secretaria Municipal de Educação
Secretaria Municipal de Esportes



**Se as Cataratas do Iguaçu
consumirem as suas
energias, a Itaipu tem
14 mil megawatts
para recarregá-las.**



Além das belezas naturais, dos inúmeros passeios, compras e roteiros de ecoaventura, em Foz do Iguaçu você pode conhecer também Itaipu, a maior usina hidrelétrica do mundo em produção de energia. As maravilhas da natureza e da tecnologia esperam por você. Venha conhecer.

Integração
que gera energia e
desenvolvimento.


ITAIPU
BINACIONAL


BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

Gobierno Nacional

¡Nampá pú'a Paraguay!